

DR. GRAND

CARTA DE UM CATÓLICO

SOBRE O ESPIRITISMO



ALPHONSE DE GRAND BOULOGNE
CARTA DE UM CATÓLICO SOBRE O ESPIRITISMO

Lançamento original em francês:

ALPHONSE DE GRAND BOULOGNE
LETTRE D'UN CATHOLIQUE SUR LE SPIRITISME

Ledoyen, Libraire-Éditeur

Palais-Royal, 31, Galerie D'orléans

Et au Bureau de La Revue Spirite

Rue Ste-Anne, 59, Passage Ste-Anne

Paris, 1860.

*Com base na 1ª edição francesa - **EBOOK***

Tradução: Marcílio Franco da Costa Pereira

Revisão: Irmãos W. e Grupo AEC

Colaborador: Cesar Sátiro dos Santos (**Centre Spirite Chico Xavier**)

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada:

© 2025

Distribuição gratuita:

Autores Espíritas Clássicos

Portal Luz Espírita

Dr. Grand

Carta de um Católico sobre o Espiritismo

Antigo Vice-Cônsul da França

*Ledoyen, Libraire-Éditeur
Palais-Royal, 31, Galerie D'orléans
Et au Bureau de La Revue Spirite
Rue Ste-Anne, 59, Passage Ste-Anne
Paris, 1860*



ALPHONSE DE GRAND BOULOGNE

DR. GRAND

(1810 - 1874)

Autor da "Carta de um católico sobre o Espiritismo" ⁽⁸⁰⁾ publicado em 1860, ele era doutor em medicina, cavaleiro da legião de honra, antigo secretário da Sociedade Acadêmica de Medicina de Marselha, antigo vice-cônsul da França em Cuba e médium correspondente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em Havana, tendo sido mencionado apenas como Dr. Grand a partir da 2ª edição de OLM (Primeira parte - Noções preliminares > Capítulo IV - Dos sistemas). Mas na 1ª edição de 1861 aparece como Dr. Grand Boulogne. Na RE aparece como Dr. Grand e Dr. De Grand Boulogne.

Desencarnou de uma doença do coração em 1874 em Paris. ⁽⁸¹⁾

6° Si le démon seul se communique, puisqu'il est l'ennemi de Dieu et des hommes, pourquoi recommande-t-il de prier Dieu, de se soumettre à sa volonté, de subir sans murmure les tribulations de la vie, de n'ambitionner ni les honneurs ni les richesses, de pratiquer la charité et toutes les maximes du Christ; en un mot, de faire tout ce qui est nécessaire pour détruire son empire? Si c'est le démon qui donne de tels conseils, il faut convenir que, tout rusé qu'il est, il est bien maladroit de fournir des armes contre lui-même ¹.

7° Puisque les Esprits se communiquent, c'est que Dieu le permet; en voyant les bonnes et les mauvaises communications, n'est-il pas plus logique de penser que Dieu permet les unes pour nous éprouver, et les autres pour nous conseiller le bien?

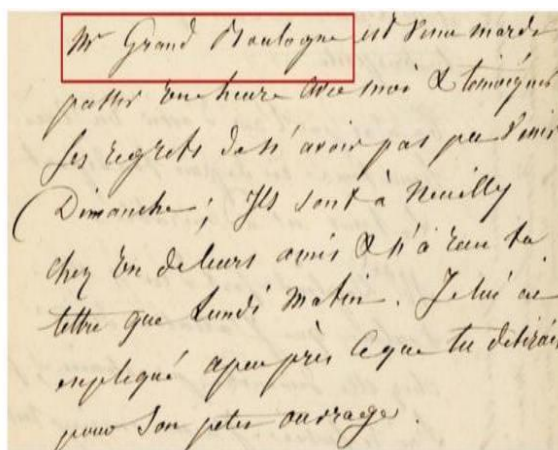
¹ Cette question a été traitée dans le *Livre des Esprits*, mais nous recommandons à ce sujet, comme sur tout ce qui touche à la partie religieuse, la brochure intitulée: *Lettre d'un catholique sur le spiritisme*, par M. le docteur de Grand-Boulogne, ancien consul de France. Chez Ledoyen. (18-18; prix, 1 fr.)

Fragmento da 1ª edição de O Livro dos Médiuns, com menção ao Dr. Grand-Boulogne.

Ver ainda sua genealogia, ⁽⁸²⁾ além de outras informações relevantes, como sua fotografia. ⁽⁸³⁾

Foi autor de vários livros sobre medicina, por exemplo, sobre inflamações ⁽⁸⁴⁾ e doenças infantis ⁽⁸⁵⁾, tendo trabalhado também na Argélia e no México (Vera Cruz, em missão, conforme vemos, entre outras fontes, no The New York Times de 14 de agosto de 1863. ⁽⁸⁶⁾

Estaria Amélie se referindo à 1ª edição de O Livro dos Médiuns nesta carta que endereçou a Kardec em 14/09/1860? (ver foto adiante) Esta edição é de janeiro de 1861. Kardec estava provavelmente na região de Lyon (Lyon, Mâcon, Saint Étienne e Sens), na sua 1ª viagem espírita, já que em 19/09/1860 participou do famoso banquete oferecido pelos espíritas lioneses. ⁽⁸⁷⁾



M. Grand Boulogne est venu mardi passer une heure avec moi & témoigner ses regrets de n'avoir pas pu venir dimanche; ils sont à Neuilly chez un de leurs amis & n'a reçu ta lettre que lundi matin. Je lui ai expliqué à peu près ce que tu désirais pour son petit ouvrage.

<CARTA DE AMÉLIE A KARDEC DE 14/09/1860>

O Sr. Grand Boulogne veio passar uma hora comigo na terça-feira e lamentar não ter podido comparecer no domingo; eles estão em Neuilly c/ um de seus amigos e não receberam sua carta até segunda-feira de manhã. Expliquei a ele o que você queria p/ sua pequena obra. <FONTE: LIVRARIA LEYMARIE>

O texto onde o Dr. Grand é referido não aparece na obra precursora de O Livro dos Médiuns, as Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas, de junho de 1858.

80. Disponível em <https://bit.ly/36o5vPz>

81. Ver <https://bit.ly/35fcqdk>

82. Em <https://bit.ly/2YDnM8P>

83. Ver a página 599 de <https://bit.ly/2PDea9Y> (referenciada em <https://bit.ly/2E8qWbo>) e <https://bit.ly/2sj9Kx2> (fotografia)

84. Ver: <https://bit.ly/2PdsRl6>

85. Ver: <https://bit.ly/346Ua4R>

86. Ver: <https://nyti.ms/2PbeVIB>

⁸⁷. Ver: <https://bit.ly/35ff17I>

CSI do Espiritismo: Codification Séances Investigation ou Investigação das Sessões mediúnicas da Codificação, Imagens e registros históricos do Espiritismo (<facebook.com/HistoriaDoEspiritismo>)

Sumário

Carta de um católico sobre o Espiritismo - Pelo Dr. Grand, antigo Vice-Cônsul da França. (Apresentação por Allan Kardec na R.E. de Novembro de 1860) — **pág. 08**

Prefácio — **pág. 10**

I — **pág. 15**

II — **pág. 25**

III — **pág. 29**

IV — **pág. 32**

V — **pág. 35**

VI — **pág. 37**

VII — **pág. 41**

VIII — **pág. 46**

IX — **pág. 48**

X — **pág. 54**

XI — **pág. 58**

XII — **pág. 61**

XIII — **pág. 64**

XIV — **pág. 68**

XV — **pág. 73**

XVI — **pág. 75**

XVII — **pág. 79**

Carta de um católico sobre o Espiritismo

Pelo Dr. Grand, antigo Vice-
cônsul da França.

(Apresentação por Allan Kardec
na R. E. de Novembro de 1860)

O autor desta brochura propôs-se a provar que se pode ser, ao mesmo tempo, bom católico e fervoroso espírita. Neste sentido, prega pela palavra e pelo exemplo, pois é sinceramente uma e outra coisa. Por fatos e argumentos de uma lógica rigorosa, estabelece a concordância do Espiritismo com a religião, e demonstra que todos os dogmas fundamentais encontram, na Doutrina Espírita, uma explicação susceptível de satisfazer à razão mais exigente, que em vão a teologia se esforça para dar; de onde conclui que, se esses dogmas fossem ensinados desta maneira, encontrariam bem menos incrédulos e que, portanto, devendo a religião ganhar com essa aliança, dia virá em que, pela força das coisas, o Espiritismo estará na religião, ou a religião no Espiritismo.

Parece difícil que, após a leitura desse opúsculo, aqueles que os escrúpulos religiosos ainda afastam do Espiritismo não sejam levados a uma apreciação mais sadia do problema. Aliás, há um fato evidente: é que as ideias espíritas marcham com tal rapidez que, sem ser adivinho nem feiticeiro, é possível prever o tempo em que serão tão gerais que, querendo ou não, ter-se-á que contar com elas; essas ideias conquistarão foros de cidadania, sem haver necessidade da permissão de ninguém, e em breve se

reconhecerá, se ainda não se fez, a absoluta impossibilidade de lhe deter o curso. As próprias diatribes dar-lhes-ão um impulso extraordinário e não se poderia crer no número de adeptos que, sem querer, fez o Sr. Louis Figuier com a sua *Histoire du merveilleux* (História do maravilhoso), na qual pretende tudo explicar pela alucinação, quando, definitivamente, nada explica porque, sendo seu ponto de partida a negação de toda força fora da Humanidade, sua teoria material não pode resolver todos os casos. Os gracejos do Sr. Oscar Comettant não são argumentos: ele faz rir, mas não à custa dos espíritas. O impudente e grosseiro artigo da *Gazette de Lyon* só prejudicou a ela mesma, pois todos o julgaram como o merece. Após a leitura da brochura de que falamos, que dirão os que ainda ousam avançar que os espíritas são ímpios e que a sua doutrina ameaça a religião? Não percebem que, assim falando, fariam crer que a religião é vulnerável; realmente, seria muito vulnerável se uma utopia, pois, segundo eles, trata-se de utopia, pudesse comprometê-la. Não receamos dizer: todos os homens sinceramente religiosos — e por isso entendemos os que o são mais pelo coração do que pelos lábios — reconhecerão no Espiritismo uma manifestação divina, cujo objetivo é reavivar a fé que se extingue.

Recomendamos insistentemente essa brochura a todos os nossos leitores, e cremos que farão uma coisa útil, procurando propagá-la.

[*] Dr. Grand in-18, preço 1 fr.; pelo Correio 1 fr. 15 cent, Ledoyen, livreiro-editor, Palais-Royal, 31, galerie d'Orléans e no escritório da Revista Espírita.

Allan Kardec - Revista Espírita de novembro de 1860

Prefácio

Um de meus amigos dirigiu-me certa vez as seguintes reflexões sobre o Espiritismo do ponto de vista religioso:

"Escutei com vivo interesse o resumo que vós tivestes a bondade de fazer-me da Doutrina Espírita.

Não sou daqueles que negam brutalmente os fatos; o pouco que vi me basta, e se o dogma da imortalidade da alma não houvesse sido há muito tempo aceito por minha razão e minha fé, os fenômenos, poucos na verdade, dos quais fui testemunha, seriam suficientes para dissipar todas as minhas dúvidas. Mas se me é demonstrado que a morte não é senão a passagem da vida corpórea para a vida espiritual, nada ainda me autoriza a considerar as revelações espíritas como emanadas de Espíritos aos quais possais outorgar legítima confiança.

Nós levamos, Vós e eu, o nome de católicos, e compreendo com dificuldade como vossas crenças religiosas concordam com vossas crenças espíritas.

Ainda que eu vos contrarie um pouco em vossas novas ideias, direi que a minha fé me basta, e não me sinto impelido a pôr os pés num caminho que me parece todo semeado de perigos.

Melhor do que eu, sabeis com que curiosidade e, frequentemente, com que entusiasmo as classes mais inteligentes da sociedade se lançaram, há alguns anos, nas experimentações espíritas; conheceis os resultados. Ao lado de algumas manifestações respeitáveis, houve coisas tão revoltantes, que muita gente honesta, gente piedosa sobretudo, ficou espantada, e deveu acreditar que o Espiritismo por inteiro era obra do demônio.

Apenas toleradas pela Igreja, formalmente condenadas por padres e bispos, as experimentações prosseguem em algumas sociedades pouco numerosas, em alguns salões, em círculos íntimos, e dois jornais na França mantêm o público a par desses fatos misteriosos.

Vós me comunicastes brochuras e alguns desses jornais. Constatei numerosas contradições, encontrei interessantes um certo número de

comunicações, outras me pareceram pueris, outras, enfim, são para mim anticristãs.

No meio desses fatos, que estão longe de concorrer para o estabelecimento de uma mesma doutrina, parece-me muito difícil apreender a verdade e afastar o erro, e, eu o confesso, encontro-me até nova ordem muito mais à vontade na minha fé católica, do que numa doutrina absolutamente desprovida dessa autoridade que constitui a base e a beleza do Cristianismo.

Certamente não irei até dizer que sois todas vós vítimas de Satanás, mas muito sinceramente confessarei que nessas práticas vejo um perigo sério para as nossas almas; que elas me parecem inconciliáveis com a fé católica, donde estou disposto a concluir que elas são destinadas sobretudo a perturbar as consciências e a inquietar os sentimentos religiosos.

Ficaria feliz, no entanto, se pudésseis dissipar estas nuvens, pois, eu o concedo, o pouco que vi me inspira um vivo desejo de ver ainda, e certos pontos de vossa doutrina me encantaram.

Tranquilizai minha fé, que se inquieta, e eu continuarei com interesse um estudo começado de modo tão agradável convosco."

Estas reflexões, eu as havia feito a mim mesmo, mas elas tiveram de ceder, em meu pensamento, perante a evidência e o raciocínio; pois, em presença de fatos averiguados, toda oposição deve se render, e é preciso aceitá-los com suas consequências, a menos de uma teimosia que acaba por se tornar ridícula.

Tanto para satisfazer o desejo de meu amigo, quanto com o objetivo de esclarecê-lo e acalmar escrúpulos que me pareciam de modo algum fundamentados, resumi minha resposta na carta seguinte, que acompanhei dos desenvolvimentos que constituem o objeto deste opúsculo, destinado a mostrar que a religião, longe de ter a perder, tem tudo a ganhar com a propagação do Espiritismo.

Senhor e muito honrado amigo,

Compreendo e respeito os vossos escrúpulos, e começarei por uma reflexão que provavelmente vos deixará mais à vontade. Se sois verdadeiramente católico, se amais e praticais a vossa religião, não sois daqueles para quem Deus julgou apropriado renovar as maravilhas dos primeiros dias.

Que pediríeis ao Espiritismo? A fé? Já a tendes; o ensino dos vossos deveres? Já os conheceis; uma apreciação mais perfeita dos vossos destinos? A vossa religião vos diz o suficiente. Não vejo, portanto, em suma, que bem vós, pessoalmente, poderíeis retirar do estudo e da prática do Espiritismo.

Contudo, uma coisa me comove: é importante que os homens religiosos não vejam um perigo numa ordem de fenômenos chamada, se não me engano, a salvar a sociedade.

Portanto, se as manifestações espíritas não vos são necessárias, a sua sã apreciação vos é indispensável, ainda que seja apenas para vos impedir de colocar entraves à propagação de uma verdade tão importante.

Tendes lido, dizeis, nas nossas coletâneas espíritas, coisas pueris ou anticristãs, e isso vos faz duvidar da autoridade das nossas comunicações.

Haveis refletido bem sobre a puerilidade desta objeção? Supondes que toda palavra emanada de um Espírito é por nós aceita como uma palavra celeste? Enganar-vos-íeis gravemente. Não cessamos de o dizer; a maior prudência deve ser trazida a todas as práticas do Espiritismo, e se alguma vez um apelo deve ser feito à nossa razão e à nossa inteligência, é quando se trata de apreciar o valor das comunicações obtidas.

O que as pessoas alheias aos nossos trabalhos parecem ignorar, é o dever estrito de bem distinguir os Espíritos tão diversos que entram em relação conosco.

O ponto capital da doutrina é precisamente esta distinção, e notai bem, meu amigo, que nisto obedecemos aos ensinamentos dos Apóstolos e dos Padres da Igreja. Todos reconhecem que os homens podem ser postos em relação com bons e maus Espíritos. Os textos abundam, e São João, na sua Primeira Epístola, expõe categoricamente os meios certos de reconhecer todo Espírito vindo de Deus. Os demonóforos (*) dos nossos dias não se dão a este trabalho: a sua reprovação é absoluta.

[*] Demonóforos (Do grego: "aqueles que temem demônios") Termo utilizado pelo autor para se referir àqueles que, de forma preconceituosa e irrefletida, atribuem toda e qualquer manifestação espiritual à influência de demônios.

Ímpia ou edificante, toda comunicação espírita é votada à sua maldição. Por sua autoridade, as mais admiráveis graças de Deus são declaradas obras do diabo, e o nosso Pai celeste encontrou homens que têm a pretensão de colocar limites à sua bondade como à sua onipotência.

De certas comunicações dadas por Espíritos elevados, suprimamos a fórmula evocatória, e desafio o cristão mais escrupuloso a não ser edificado.

Segue-se que, nestas circunstâncias, o nosso crime ou a nossa impiedade consiste nas nossas orações fervorosas, nas nossas ardentes súplicas a Deus, para nos permitir receber da boca dos seus anjos as lições de que precisamos; assim, o ato mais piedoso torna-se, para o demoníaco, uma profanação indigna! Em verdade, a imaginação poderia sonhar algo mais insensato?

Tal série de comunicações poderia ornar os livros mais piedosos; tal outra não deslustraria o Evangelho, nem a Imitação de Cristo, nem os escritos dos Padres mais venerados: não importa; que sejam malditas!

Uns maus crentes obtêm a fé, uns ímpios se convertem, vidas escandalosas são bruscamente substituídas por existências votadas à caridade e à oração, tanto pior: estas conversões são operadas pelo diabo. Tantas coisas insensatas não seriam proferidas contra o Espiritismo, se se quisesse simplesmente apreciar os Espíritos como se apreciam os homens. Se distinguis aqui embaixo os bons e os maus pela sua linguagem e pelas suas ações, por que não distinguiríeis os Espíritos pelos seus conselhos e pela sua influência? Não é monstruoso chamar Demônio a um Espírito que vos obriga a tornar-vos melhor?

Não esqueçais, portanto, nunca esta verdade que domina todo o Espiritismo: há bons espíritos, mas há maus. Se não trouxerdes às vossas experimentações nem fervor, nem respeito, nem piedade, entrareis numa via deplorável. Abrireis a porta a seres perversos; mesmo para além do túmulo, sereis o brinquedo das almas que, no mundo dos Espíritos como na terra, se comprazem no mal, e não têm outro objetivo, como outro desejo, a não ser corromper-vos, aviltar-vos e tornar-vos semelhantes a eles.

Prevenindo contra o perigo, abordaríeis tremendo esses formidáveis fenômenos; mas, ajudado pela oração, tomaríeis com felicidade a vossa parte da verdade nova.

Mas sois católico sincero, e os Espíritos, repito, não têm nada a ensinar-vos sobre os vossos deveres ou sobre os vossos destinos que a religião já não vos tenha ensinado. Permitti-me, contudo, uma simples questão.

Quantos católicos sinceros, fervorosos e praticantes podeis contar na França? E agora, quantos materialistas, ateus, panteístas, libertinos, ímpios,

indiferentes etc.? Por que declive desliza a nossa sociedade egoísta, corrompida, acorrentada à matéria e por ela dominada? Onde nos conduzem essas baixas paixões, essa sede do ouro, esse ardor pelos prazeres dos sentidos, que agitam e atormentam os homens, desde os cumes mais altos até às profundezas mais perdidas do mundo social? Donde vêm essas tendências materiais, senão das doutrinas materialistas que se infiltram na sociedade?

Não será necessária uma potência sobre-humana para nos arrancar a esses lamentáveis aviltamentos?

Essa potência, é o Espiritismo. Quando a voz dos homens já não é escutada, quando a voz dos vossos pastores se perde no vazio, é necessário que vozes do alto se façam ouvir, e, como sempre, é ainda Deus que deve salvar-nos.

Portanto, meu caro amigo, se desejo ver-vos participar dos nossos trabalhos, é menos para pôr diante dos vossos olhos as maravilhas que devem regenerar o mundo, do que para afastar da vossa alma esse infeliz pensamento, de que toda comunicação com os Espíritos é uma coisa ímpia; é menos para pedir, seja a vós mesmo, seja àqueles que vos assemelham, que concorrais ao nosso apostolado, do que para obter uma apreciação mais justa, mais lógica e mais caridosa dos nossos trabalhos e da nossa doutrina.

Este objetivo, poderemos atingi-lo? Ouso mal esperá-lo. Conheço o poder do preconceito. No entanto, o interesse com que me tendes escutado várias vezes autoriza-me a pensar que vós, pessoalmente, me lereis com benevolência.

Estas humildes páginas não se dirigem aos nossos adversários de ontem, o seu tema está feito; eles se agarrarão de tal modo às suas teimosias, que os mais esplêndidos milagres não os converteriam. Mas penso nos adversários de amanhã. Seria para nós uma tão grande felicidade reunir à nossa jovem família os bons e fiéis cristãos! Seria um resultado tão grande prevenir a sua hostilidade. Também, apesar da minha insuficiência, tento piedosamente um esforço que suplico ao Céu que abençoe.

Lede, pois, meu amigo, estas poucas páginas que vos dirijo, e dizei se tenho razão em protestar contra os vossos escrúpulos.

O vosso dedicado,

A. GRAND - Doutor Medicina

I

Quando, pela primeira vez, ouvi falar de Espíritos batedores (raps), tratei com indiferença. Eu estava na América e tive, logo em seguida, a oportunidade de assistir a algumas experiências; vi mesas girar; vi-as balançar sob a voz de certas pessoas chamadas médiuns, e nem mesmo tive a satisfação de achar aquilo divertido. Vi nisso um entretenimento pueril, mais repleto de estupidez do que de loucura, e minha incredulidade não foi abalada por um instante.

Vários anos depois, o acaso colocou em minhas mãos o livro do Sr. De Mirville. Li-o com interesse; reli-o uma segunda vez, e diante de uma massa impressionante de fatos tão bem observados, tão bem analisados, tão perfeitamente autênticos, não me pôde restar qualquer dúvida. E, no entanto, pela especialidade de meus estudos, pelos trabalhos de minha profissão, por meu gosto pelas ciências positivas, eu pertencia, certamente, à categoria dos céticos. Mas que negação pode resistir contra fatos amplamente reconhecidos?

A dificuldade, para mim, não estava em aceitar os relatos do Sr. De Mirville, mas em interpretá-los. Em minha qualidade de católico, eu deveria me encontrar disposto a concluir como ele; mas se as pretensas manifestações diabólicas se apresentam, por vezes, com circunstâncias aterradoras, elas frequentemente revestem caracteres tão fantasiosos, tão grotescos, tão pueris, que, intuitivamente, eu buscava alhures a interpretação desses fenômenos surpreendentes.

Finalmente, me mostraram o O Livro dos Espíritos, publicado pelo Sr. Allan Kardec. Esse livro era a contrapartida daquele do Sr. De Mirville, mas com esta diferença capital: em vez de atestar apenas a existência dos bons Espíritos e suas manifestações exclusivas, ele estudava os fatos mais dessemelhantes, examinava todas as comunicações, quer tivessem um caráter diabólico ou divino, e provava que, em seu conjunto, elas concorriam igualmente para formar uma doutrina admirável de lógica, sabedoria e verossimilhança. Foi, para mim, um raio de luz. (Nota 1).

(Nota 1) Lendo esta obra sente-se que o autor fala, não apenas como homem convicto, mas como homem de experiência que a tudo observou com uma perfeita independência de ideias. Tudo ali é discutido friamente, sem exageração. Todas as consequências ali são deduzidas de argumentos tão justos que se poderia dizer que a filosofia ali é tratada matematicamente. Quando mais tarde tive a ocasião de ver o Sr. Allan Kardec, e de ler seus outros escritos, reconheci que estava ali o fundo de seu caráter e o que era próprio de seu espírito. É um homem essencialmente positivo, que não se emociona com nada, e discute os fenômenos mais extraordinários com tanto sangue frio como se se tratasse de uma experiência comum. 'Para se apreciar de maneira correta as coisas, disse ele, é preciso observar sem entusiasmo, pois o entusiasmo é fonte da ilusão e de muitos erros.' Ele discorre sobre as coisas do outro mundo como se as tivesse sob os olhos, e no entanto ele não fala delas como inspirado, mas como daquilo que existe de mais natural no mundo. Ele no-las torna, por assim dizer, palpáveis, pois possuí, sobretudo, a arte de fazer compreender as coisas mais abstratas; é, pelo menos, a impressão que senti ao ouvi-lo falar, e que muitas outras pessoas, como eu, também sentiram. O caráter dominante de seus escritos é a clareza e o método; se a isto juntarmos um estilo que permite lê-los sem fadiga, ao contrário da maioria das obras de filosofia, que exigem penosos esforços para serem compreendidas, não se ficaria admirado pela influência que seu estilo exerceu sobre a propagação da Doutrina Espírita.

A esta explicação, que em poucas palavras julguei importante dar, acrescentarei uma simples observação sobre uma das causas que, em minha opinião, contribuíram poderosamente para dar o crédito de que gozam as obras do Sr. Allan Kardec: é a ausência de todo sentimento de aspereza para com seus adversários. Um homem não se coloca em evidência, como ele o fez, sem suscitar muitos ciúmes, muita animosidade; entretanto, em nenhuma parte se encontra o mínimo traço de rancor ou de malevolência, a mínima recriminação endereçada àqueles dos quais ele poderia se queixar. Desde a minha iniciação no Espiritismo tenho frequentemente tido a ocasião de vê-lo na intimidade, e posso dizer que jamais o vi se preocupar com seus detratores; é como se eles não existissem. Ora, confesso que o caráter do homem não contribuiu pouco para corroborar a opinião que eu tinha concebido em favor da Doutrina, quando li seus escritos. É evidente que se eu tivesse reconhecido nele um homem ambicioso, intrigante, ciumento e vingativo, teria dito que ele mentia aos princípios que professa, e desde então minha confiança na verdade dessa Doutrina teria sido abalada.

Essas reflexões, em forma de parênteses, me pareceram úteis para motivar uma das causas que mais fortemente me levaram a prosseguir, com comprometimento, meus estudos espíritas.

Uma outra circunstância, não menos preponderante, vem se juntar às demais e me explicar, ao mesmo tempo, a profunda indiferença do autor para com as diatribes de seus antagonistas. Eu estava um dia na casa dele no momento em que ele recebia sua correspondência, muito numerosa como de hábito. Encontrava-se ali um jornal em que notadamente o Espiritismo e ele próprio eram amplamente escarnecidos. Havia também muitas cartas que ele leu igualmente para mim, dizendo: 'Ireis agora ver a contrapartida, e podereis julgar o que é o Espiritismo.' Entre as cartas, algumas eram pedidos de conselhos sobre os atos mais íntimos e frequentemente os mais delicados da vida privada. A maioria continha a expressão de indizível felicidade, do reconhecimento mais tocante pelas consolações que se havia encontrado na Doutrina; pela calma que ela havia proporcionado; pela força que ela havia

dado nas circunstâncias mais afligentes; pelas boas resoluções que havia feito tomar. 'O que vedes aqui, me disse ele, se renova quase diariamente. Os autores dessas cartas me são, na sua maioria, desconhecidos, mas eis aqui um, e eu conheço muitos que estão na mesma situação, que sem o Espiritismo se teriam suicidado.

Acreditais que a satisfação de ter arrancado homens ao desespero, ter trazido a paz a uma família, feito pessoas felizes, não me compensa largamente por algumas pequenas e tolas críticas da parte de pessoas que falam de uma coisa sem a conhecer? Acreditais que uma só dessas cartas não compensam, de sobra, algumas maldades das quais fui alvo? Aliás, teria eu tempo de me ocupar com aqueles que zombam? Eu prefiro, bem mais, dar meu tempo àqueles a quem eu posso ser útil. Não tenho somente para mim a consciência de minhas boas intenções; Deus, em sua bondade, reservou-me um gozo bem maior, que é o de ser testemunha do bem que a Doutrina Espírita produz; e eu julgo, pelo que vejo, sobre a influência que ela exercerá quando estiver generalizada. Não se trata de uma utopia, pois ela é essencialmente moralizadora; vede por vós mesmo a reforma que ela opera sobre os indivíduos isolados; o que ela faz sobre alguns, o fará sobre cem, sobre mil, sobre um milhão, pouco a pouco, compreende-se.

Ora, suponha uma sociedade penetrada dos sentimentos do dever que o senhor vê expressos nessas cartas, acredita o senhor que ela não hauria daí elementos de ordem e de segurança? As cartas que o senhor acaba de ouvir são todas de pessoas esclarecidas; mas veja esta; é de um simples operário, outrora imbuído das ideias sociais mais subversivas; ele figurou de maneira lastimável em nossas lutas civis; tinha votado um ódio implacável àqueles que julgava favorecidos às suas custas, e sonhados coisas impossíveis: que diferença de linguagem agora! Hoje ele compreende que a passagem na Terra é uma provação, e, embora procurando um bem-estar muito natural, não o pede às custas da justiça. Não inveja a felicidade aparente do rico, porque sabe que existe uma justiça divina, e que essa felicidade, se não for merecida aqui na Terra, terá terríveis reversos em outra vida. E por que ele pensa assim? É porque lho disseram? Não, mas porque adquiriu, pelo Espiritismo, a certeza dessa vida futura na qual não acreditava, e porque pôde convencer-se por si mesmo da situação daqueles que nela se encontram; porque seu pai, que em vida o mantinha em suas ilusões, veio ele mesmo dar-lhe conselhos cheios de sabedoria. Ele blasfemava de Deus, que considerava injusto por ter favorecido algumas de suas criaturas; hoje compreende que esse favor mesmo é uma provação, e que sua justiça se estende tanto sobre o rico quanto sobre o pobre. Eis o que o torna submisso às suas vontades, bom e indulgente para com seus semelhantes, feliz em sua mediocridade laboriosa. Acredita o senhor que o Espiritismo não lhe prestou um serviço maior do que aqueles que se esforçam para lhe provar que não há nada após a vida aqui da Terra, princípio que tem por consequência que se deve procurar nela a sua felicidade a qualquer preço? Eis, senhor, o que é o Espiritismo; aqueles que o combatem é porque não o conhecem; quando for compreendido, ver-se-á nele uma das mais sólidas garantias de felicidade e de segurança para a sociedade, pois não serão os adeptos sinceros que a perturbarão.

Confesso que nunca havia encarado o Espiritismo sob este ponto de vista; agora compreendia seu alcance, compadecia-me daqueles que nele viam apenas um fenômeno curioso de mesas girantes. Perguntava a mim mesmo se a doutrina dos diabos e demônios do Sr. De Mirville poderia dar semelhantes consolações; se ela era de natureza a reconduzir os homens ao bem e à fé religiosa, e se não era feita, ao contrário, para deles os afastar,

inspirando-lhes mais temor do que amor, mais curiosidade do que sentimentos bons e humanos.

Era a luz, e, contudo, ainda não era a convicção. Efetivamente, para transformar em certeza essa sedutora probabilidade, para ter uma fé inabalável, não basta simpatizar com a doutrina; é necessário que o testemunho dos sentidos apoie o assentimento da razão. Ora, eu nada tinha visto; mas, após a leitura de O Livro dos Espíritos, não pude afastar uma necessidade invencível de conhecer. Li ainda, vi médiuns escreventes, e algo faltava sempre à minha convicção. Pude, finalmente, assistir, em algumas reuniões íntimas, à evocação de um Espírito que respondia por meio de pancadas inteligentes (raps). Essa prova encantadora jamais se apagará de minha memória. Que indizível emoção! Quando, após as primeiras pancadas ouvidas, e como que para responder às minhas exclamações de surpresa e de alegria, o Espírito bateu a seguinte frase:

“Coragem! Mesmo após um milagre; pois os incrédulos vos expulsarão, como os judeus expulsaram o cego de nascença de São João Batista.” (Evangelho de São João, cap. IX)

E, no entanto, uma alegria maior me estava reservada. Pude ter em minha casa, tão frequentemente quanto o desejei, manifestações idênticas àquelas que me haviam comovido tão profundamente. Desde então, meu coração experimentou uma felicidade imensa. A imortalidade da alma, essa verdade outrora apoiada apenas na fé religiosa, assumiu subitamente o caráter de uma realidade material, tangível e perfeitamente apreciável pelos sentidos. Tal foi o primeiro efeito de nossas piedosas comunicações. Os tormentos da fé, as incertezas pungentes do futuro, o pavor do último dia, dissiparam-se como por encanto, e o pensamento da eternidade, inseparável até então de um vago sentimento de terror, será doravante um pensamento feliz, igual à posse de um tesouro irrevogavelmente adquirido.

Uma satisfação ainda mais completa, se é possível, foi constatar mil pontos de contato entre a nova doutrina e o Cristianismo. Os dois ensinamentos pareciam se confundir. O sentimento religioso despertou em minha alma; penetrado de reconhecimento pelas graças com as quais o Mestre divino me havia cumulado, bendisse-O e amei-O com um amor que nunca havia conhecido. Então, escrevi a carta seguinte, publicada pelo Sr. Allan Kardec na Revista Espírita do mês de agosto de 1860, sob o título de Concordância Espírita e Cristã:

Ao Sr. Allan Kardec,
Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Senhor Presidente,

Desejando ardentemente fazer parte da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, mas forçado a deixar a França brevemente, venho solicitar a honra de ser aceito como membro correspondente. Tenho a vantagem de vos conhecer pessoalmente e não necessito vos dizer com que interesse e simpatia acompanho os trabalhos da Sociedade. Li vossas obras, bem como as do Barão de Guldenstubbé e, conseqüentemente, conheço os pontos fundamentais do Espiritismo, cujos princípios adoto sinceramente, tais quais vos são ensinados. Como protesto aqui a minha firme vontade de viver e morrer como cristão, esta declaração me leva a vos fazer a minha profissão de fé, e talvez vejais com que interesse minha fé religiosa acolhe naturalmente os princípios do Espiritismo. Na minha opinião, eis como as duas coisas se associam:

1. Deus: criador de todas as coisas.
2. Objetivo e fim de todos os seres criados: concorrer para a harmonia universal.
3. No universo criado, três reinos principais: o reino material, ou inerte; o orgânico ou vital; o intelectual e moral.
4. Tudo é criado e submetido a leis.
5. Os seres compreendidos nos dois primeiros reinos obedecem irresistivelmente, e por eles a harmonia jamais é perturbada.
6. Como os dois primeiros, o terceiro reino está submetido a leis, mas goza do estranho poder de subtrair-se a elas; possui a temível faculdade de desobedecer a Deus: é o que constitui o livre-arbítrio.
O homem pertence simultaneamente aos três reinos: é um Espírito encarnado.
7. As leis que regem o mundo moral estão formuladas no decálogo, mas se resumem neste admirável preceito de Jesus: Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos.
8. Toda derrogação da lei constitui uma perturbação na harmonia universal. Ora, Deus não permite que tal perturbação persista e a ordem deve ser necessariamente restabelecida.

9. Existe uma lei destinada à reparação da desordem no mundo moral, e esta lei está contida por inteiro na palavra: expiação.

10. A expiação efetua-se: 1º – pelo arrependimento e os atos de virtude; 2º – pelo arrependimento e as provas; 3º – pelas preces e as provas do justo, unidas ao arrependimento do culpado.

11. A prece e as provas do justo, embora concorram da maneira mais eficaz para a harmonia universal, são insuficientes para a expiação absoluta da falta; Deus exige o arrependimento do pecador; mas com esse arrependimento, a prece do justo e sua penitência em favor do culpado basta, à eterna justiça, e o crime é perdoado.

12. A vida e a morte de Jesus põem em evidência esta adorável verdade.

13. Sem livre-arbítrio não há pecado, mas também não há virtude.

14. O que é a virtude? A coragem no bem.

15. O que há de mais belo no mundo não é, como disse um filósofo, o espetáculo de uma grande alma lutando contra a adversidade; é o esforço perpétuo de uma alma progredindo no bem e, de virtude em virtude, elevando-se até o Criador.

16. Qual a mais bela de todas as virtudes? A caridade.

17. O que é a caridade? É o atributo especial da alma que, em suas ardentes aspirações para o bem, esquece de si mesma e se consome em esforços pela felicidade do próximo.

18. O saber está muito abaixo da caridade; ele nos eleva na hierarquia espírita, mas não contribui para o restabelecimento da ordem perturbada pelo mau. O saber nada expia, nada resgata, em nada influi sobre a justiça de Deus: a caridade, ao contrário, expia e apazigua. O saber é uma qualidade; a caridade, uma virtude.

19. Ao encarnar os Espíritos, qual foi o desígnio de Deus? Criar, para uma parte do mundo espiritual, uma situação sem a qual não existiria nenhuma das grandes virtudes que nos enchem de respeito e de admiração. Com efeito, sem o sofrimento não há caridade; sem o perigo não há coragem; sem o infortúnio não há devotamento; sem a perseguição não há estoicismo; sem a cólera não há paciência, etc. Ora, sem a corporeidade, com o desaparecimento desses males, desapareceriam essas virtudes.

Para o homem um pouco desprendido dos laços da matéria, neste conjunto do bem e do mal há uma harmonia, uma grandeza de ordem mais elevada que a harmonia e a grandeza do mundo exclusivamente material.

Isto responde em poucas palavras às objeções fundadas sobre a incompatibilidade do mal com a bondade e a justiça de Deus.

Seria preciso escrever volumes e mais volumes para desenvolver convenientemente essas diversas proposições. Entretanto, o objetivo desta comunicação não é oferecer à Sociedade uma tese filosófica e religiosa; eu quis apenas formular algumas verdades cristãs em harmonia com a Doutrina Espírita. Em minha opinião, tais verdades constituem a base fundamental da religião e, longe de enfraquecer-se, fortificam-se com as revelações espíritas. Permito-me, também, externar uma queixa contra os ministros do culto, que, enceguecidos pela demoniofobia, recusam o esclarecimento e condenam sem exame. Se os cristãos abrissem os ouvidos às revelações dos Espíritos, tudo quanto no ensino religioso perturba nossos corações ou revolta a nossa razão desvanecer-se-ia de repente. Sem se modificar em sua essência, a religião ampliaria o círculo de seus dogmas, e os lampejos da verdade nova consolariam e iluminariam as almas. Se é certo, como diz o Padre Ventura, que as doutrinas filosóficas ou religiosas acabam invencivelmente por se traduzirem nos atos ordinários da vida, é bem evidente que uma nação iniciada no Espiritismo tornar-se-ia a mais admirável e a mais feliz das nações.

Dir-se-á que uma sociedade verdadeiramente cristã seria perfeitamente feliz. Concorro. Mas o ensino religioso tanto se faz pelo temor quanto pelo amor; e os homens, dominados por suas paixões, querendo a qualquer preço se libertar dos dogmas que os ameaçam, serão sempre tão numerosos que o grupo dos cristãos perseverantes constituirá sempre uma fraca minoria. Os cristãos são numerosos, mas os verdadeiros cristãos são raros.

Não acontece assim com o ensino espírita. Embora sua moral se confunda com a do Cristianismo e, como este, pronuncie palavras cominatórias, há tão rico tesouro de consolações; é, ao mesmo tempo, tão lógico e tão prático; lança uma luz tão intensa sobre o nosso destino; afasta tão bem as trevas que perturbam a razão e as perplexidades que atormentam os corações, que, na verdade, parece impossível a um espírita sincero negligenciar um só dia trabalhar pelo seu progresso e, assim, não contribuir para restabelecer a harmonia perturbada pelo transbordamento das paixões egoístas e cúpidas.

Pode-se, pois, afirmar que, propagando as verdades que temos a felicidade de conhecer, trabalhamos pela Humanidade e nossa obra será abençoada por Deus. Para que um povo seja feliz, é necessário que o número dos que querem o bem, que praticam a lei da caridade, supere o dos que querem o mal e só praticam o egoísmo. Creio em minha alma e estou consciente de que o Espiritismo, apoiado no Cristianismo, é chamado a operar esta revolução.

Imbuído de tais sentimentos e querendo, na medida de minhas forças, contribuir para a felicidade de meus semelhantes, ao mesmo tempo em que busco tornar-me melhor, peço, Sr. Presidente, para fazer parte de vossa Sociedade.

Aceitai, etc.

O Sr. Allan Kardec fez seguir esta carta das reflexões seguintes:

Esta carta dispensa comentários e cada um apreciará o elevado alcance dos princípios nela formulados, de uma maneira ao mesmo tempo tão profunda, tão simples e tão clara. São esses os princípios do verdadeiro Espiritismo, que certos homens ousam ridicularizar, pois reclamam o privilégio da razão e do bom-senso, por não saberem se têm uma alma e não fazerem diferença entre o seu e o futuro de uma máquina. Acrescentaremos apenas uma observação: *Bem compreendido*, o Espiritismo é a salvaguarda das ideias verdadeiramente religiosas que se extinguem; contribuindo para a melhoria das criaturas, provocará, pela força das coisas, o melhoramento das massas, e não está longe o tempo em que os homens haverão de compreender que nesta doutrina encontrarão o mais fecundo elemento da ordem, do bem-estar e da prosperidade dos povos; e isto por uma razão muito simples: é que ela destrói o materialismo, que desenvolve e alimenta o egoísmo, fonte perpétua de lutas sociais, e lhe dá uma razão de ser. Uma sociedade cujos membros fossem guiados pelo amor do próximo, que inscrevesse a caridade no frontispício de todos os seus códigos, seria feliz e em breve veria apagarem-se os ódios e as discórdias. O Espiritismo pode realizar este prodígio e o fará, apesar dos que ainda o agridem, porquanto passarão os agressores, mas o Espiritismo permanecerá.

Esta apreciação tão benevolente do Sr. Allan Kardec não deterá as objeções, sobretudo do ponto de vista dogmático. Tentemos preveni-las.

Constatemos, antes de tudo, que esta doutrina não é uma obra humana. Considerando-a como sistema filosófico, este sistema se apresenta com um caráter de grandeza e de lógica digno do mais sério exame; mas o que lhe dá uma autoridade toda particular, é sua origem, é sua revelação. É preciso, no entanto, levar em conta os fatos maravilhosos que a apoiam. O incrédulo pode zombar, mas aquele que viu não pode afastar esses fenômenos surpreendentes: é preciso contar com eles. Fugir deles, é possível; mas impedi-los de existir, eis o que não podem nem a incredulidade, nem a zombaria, nem o desdém. Uma realidade temível se ergue diante de nós; não se sacodem essas coisas como se sacode um pensamento frívolo; e uma vez que o mundo dos Espíritos se revela, uma vez que vozes de além-túmulo se fazem ouvir, não pode ser lícito fechar os ouvidos; é preciso ouvir, é preciso responder.

Entre os homens que se gratificam sem rir do título de sábios, alguns, forçados a se render à evidência, dignaram-se a convir que havia algo; e como lhes era necessária uma explicação, buscaram-na, mas não a encontraram, em não sei quais teorias elétricas ou magnéticas, discutíveis talvez numa conversa leve, mas demasiado evidentemente filhas da fantasia para obter direito de entrada no mais complacente dos livros científicos.

Uma vez por todas, acabemos com essas objeções pueris. Àqueles que querem absolutamente encontrar no magnetismo ou na eletricidade o que aí não está, o que não poderia aí estar, digamos que nas comunicações com os Espíritos, as respostas obtidas, longe de serem um reflexo do pensamento de um ou de vários dos assistentes, são muito frequentemente, não apenas inesperadas, mas em oposição formal com as ideias do círculo evocador. Fui várias vezes testemunha do fato seguinte. Uma comunicação começada por uma ou várias frases em francês, terminou por palavras estrangeiras, frases em inglês, alemão, latim, árabe, incompreensíveis aos evocadores e necessitando de uma tradução que o Espírito se apressava a dar. Obtive endereços que eu não conhecia, informações cuja exatidão só podia ser verificada vários dias depois; vi produzir-se a escrita direta (Nota 2) igualmente em várias línguas.

(Nota 2) A escrita direta, esse magnífico fenômeno, foi obtida muitas vezes desde o ano 1856. O Sr. Barão de Guldenstubbé publicou a esse respeito um livro muitíssimo interessante. Desde então se viu produzirem-se por outros médiuns, em papéis trazidos pelos assistentes e

simplesmente colocados sobre um móvel, tomando-se todas as precauções necessárias para assegurar-se da realidade do fato. Eu mesmo a obtive em circunstâncias que não podem deixar nenhuma dúvida. Esse fenômeno é, sem contradição, um dos que a charlatanice poderia mais facilmente explorar; por isso a necessidade de se conduzir com bastante prudência.

A produção desse fenômeno exige um profundo recolhimento, e sobretudo um médium dotado de uma faculdade especial para esse efeito.

Diante desses fatos, o que dirão os amadores de magnetismo e eletricidade? Que não é verdade?... Muito bem; mas se for verdade?... Será preciso convir que aqui a ciência está doravante fora de causa. Para mim, o fato das comunicações de além-túmulo é incontestável; para mim, não é um sistema, uma teoria, é um resultado de experiência, e afirmo que, para se convencer disso, basta um pouco de boa vontade, e sobretudo de boa fé.

Pois bem! Uma vez que esses fatos são adquiridos, uma vez que seu número é ilimitado, uma vez que o caráter das testemunhas, sua honorabilidade, seu saber, desafiam as mais malévolas apreciações; uma vez que a negação de um fato não pode infirmar a atestação desse fato, se ele é apoiado sobre provas irrecusáveis, deixemos os céticos se comprazerem em sua incredulidade, e coloquemos a questão em seu verdadeiro terreno. Este terreno, é o da religião.

II

O Espiritismo é religioso ou antirreligioso?

Ele jamais extinguiu a fé em um cristão, ou será que, por vezes, a reavivou?

É corruptor ou moralizador?

Melhora os corações ou os torna maus?

Introduz nas almas a perturbação ou a consolação? Etc., etc.

Colocar tais questões é quase resolvê-las.

Examinemos, no entanto, e vejamos se as acusações formuladas contra o Espiritismo são seriamente fundamentadas.

Um fato notável é que se pode, resolutamente, lançar um desafio aos nossos detratores para que citem um cristão, católico ou protestante, desviado pelos Espíritos de seus deveres religiosos; enquanto se contam aos milhares os corações reconduzidos a Deus, as conversões, os retornos à fé, as reconciliações, os ódios aplacados, os desesperos acalmados, as mudanças operadas em almas perversas ontem, hoje piedosas e melhoradas. Singular influência de uma coisa má! Como é provável, em verdade, que práticas sacrílegas produzam esses resultados maravilhosos?

O Sr. De Mirville, já mencionado, elaborou, para a Academia de Ciências, um livro volumoso que, muito provavelmente, não chegou ao seu destinatário. Nada perdeu com isso; o público o acolheu favoravelmente e seus numerosos leitores nele encontraram um interesse indizível. Este livro contém o relato de muitos fatos bem observados e, sobretudo, perfeitamente autênticos. As provas da intrusão de maus Espíritos nas coisas deste mundo assumem nele um caráter de irrecusabilidade que desafia as negações mais obstinadas; ora, revoltar-se contra tal evidência acusa, certamente, fraqueza e não força de espírito.

Não tive a honra de conhecer o Sr. De Mirville, mas, julgando o homem pela obra, estimo que ele seja honesto, sincero e profundamente convencido. E, no entanto, encontro em sua obra uma lacuna que precisa

ser preenchida. Evidentemente, o livro é incompleto, e o autor se apressou demasiado em concluir.

Diante das maravilhas que se multiplicam sob nossos olhos; diante desses fenômenos inauditos, produzidos, por assim dizer, à vontade, e sem outro aparato que não a assistência de um médium, pergunta-se como um homem dedicado à busca da verdade colecionou, por preconceito, todos os fatos favoráveis à sua tese, e rejeitou, como inexistentes, todos aqueles que a condenam sem apelação? O Sr. De Mirville é católico; como, então, passou sob silêncio os inúmeros fatos de que abundam os anais cristãos, e nos quais a Igreja admite a manifestação espontânea de Espíritos superiores, dos anjos, dos santos, da Virgem etc.? Impressionado de súbito por fatos que o aterrorizaram, ele resolveu, categoricamente, que tais fatos eram obra do demônio. Foi além: sua imaginação alçou voo, e, sem exame, sem discussão, sem estudo, pelo simples fato de ter medo, todas as comunicações espíritas foram declaradas diabólicas e dignas das maldições da Igreja; assim, porque, ao penetrar no mundo dos Espíritos, encontrou alguns maus, conclui que todos são maus: é exatamente como se, ao chegar a um país onde fosse atacado por ladrões, concluísse que todos os habitantes desse país são bandidos.

Esta conclusão não o honra. Evidentemente, o Sr. De Mirville nunca praticou o Espiritismo, não o estudou; caso contrário, seria impossível que não tivesse encontrado fatos que lhe demonstrassem a impotência de sua teoria para explicá-los todos. Sua ignorância talvez o desculpe; não o justifica.

Seja como for, é constante que legiões de maus Espíritos, (digamos, se ele quiser, demônios) agitam-se ao nosso redor, conforme nos ensina a Igreja; estes Espíritos comprazem-se no mal; eles nos espreitam, nos surpreendem, acendem em nossas almas as más paixões, às vezes nos penetram, nos possuem, ou para falar mais exatamente, nos subjugam, e em certas circunstâncias, manifestam-se materialmente por atos, por vezes grotescos, por vezes aterrorizadores. Isto enquadra-se perfeitamente na tese do Sr. De Mirville; mas prossigamos.

Os Espíritos nos dizem ainda, sempre de acordo com o ensino da Igreja, que cada um de nós tem seu anjo da guarda, seu Espírito protetor; que um número infinito de bons Espíritos nos cerca, que eles nos protegem, nos sustentam, nos inspiram bons pensamentos, e, quando necessário, entram

em comunicação direta e tangível conosco. Eles afirmam que, fora da vida humana, a mãe ainda vela por seu filho, o irmão pelo irmão, o amigo pelo amigo; que as almas que nos foram caras ainda nos amam, e às vezes permanecem invisivelmente ao nosso lado; que em sua bondade infinita, Deus nos permite receber a prova material dessas comovedoras realidades, mas que se Ele aprova nossos contatos com os bons Espíritos, condena esses contatos com os maus. Em uma palavra, Deus exige, (são sempre os Espíritos que falam), Deus exige que nossas evocações tenham como único objetivo o aperfeiçoamento de nossas almas.

Ora! Encontra-se no livro do Sr. De Mirville uma única linha que faça suspeitar dessas verdades consoladoras? Apelo à razão, à boa-fé, ao simples bom senso; o que é mais conforme à bondade e à justiça de Deus: permitir exclusivamente aos demônios que multipliquem ao nosso redor milagres para nos enganar e nos perder, ou outorgar aos homens a faculdade de comunicar-se com os Espíritos do além-túmulo, impondo-nos como lei ouvir apenas os bons?

Se o Sr. De Mirville tem razão, é preciso absolutamente chegar a esta monstruosa afirmação:

“Deus, julgando que os homens não se condenavam com suficiente facilidade, permitiu que o inferno lançasse em nosso meio milhares de demônios, favorecidos com o dom dos milagres. A esses demônios tudo é permitido: a mentira, a hipocrisia, a oração, a invocação de Cristo, a eloquência, a caridade, a mais pura moral, os divinos conselhos, todas as qualidades aparentes da santidade, e isso para melhor assegurar nossa perdição. Os anjos e os santos podem afligir-se com as armadilhas estendidas à humanidade, mas Deus não lhes permite que intervenham; toda comunicação exterior com os homens lhes é interdita; o Pai infinitamente bom, infinitamente misericordioso, ordena que isso seja o privilégio exclusivo de Satanás.”

Desafio o Sr. De Mirville a provar que esta conclusão não é equivalente à que resume seu livro. Digamos, simplesmente, que isso é absurdo.

Evidentemente, quando o livro das manifestações fluídicas foi publicado, o autor não conhecia a primeira palavra da Doutrina Espírita. Desde aquela época, provavelmente teve ocasião de instruir-se, e por pouco que tenha aproveitado, por pouco que tenha lido ou visto, não pode escapar à seguinte alternativa:

Ou reconhecer que se enganou; Ou negar categoricamente os fatos que o condenam.

Negar, logo se diz; mas se os relatos contidos em seu livro são autênticos, aqueles que lhe são opostos não o são menos; e se ele nega como um acadêmico, o que restam de suas admoestações aos sábios? Esperemos, portanto, que ele não negue, e submetamos-lhe, muito humildemente, a conclusão seguinte:

As comunicações que servem de base à Doutrina Espírita sendo inexplicáveis no sistema do Sr. De Mirville, e os fatos relatados em seu livro sendo, ao contrário, perfeitamente aceitos e explicados pelo Espiritismo, este, pela amplitude de seu quadro, e pelo encadeamento lógico de seus ensinamentos, presta-se muito melhor à interpretação dos fatos e às exigências da razão.

III

Não basta, porém, desconcertar a demonologia; é preciso provar ainda que o Espiritismo alia-se maravilhosamente às ideias religiosas e, sobretudo, concorda com as principais verdades do Cristianismo.

Aqui, minha tarefa torna-se fácil. Em vez de me embrenhar em uma longa dissertação teológica, deixo a palavra aos Espíritos. As páginas que se seguem são a reprodução textual de comunicações espíritas obtidas em condições de autenticidade e autoridade, por assim dizer, excepcionais (Nota 3). Coligidas quase ao acaso em volumosos cadernos, estas citações, ainda que poucas, bastarão, espero, para lançar grande luz sobre a questão que nos ocupa.

(Nota 3) Um grande número de minhas comunicações foram obtidas por golpes. Ainda que a tiptologia dificilmente se preste às dissertações de longo fôlego, esse modo de comunicação com os Espíritos fornece aos experimentadores os melhores elementos de convicção. Assim, em tudo o que temos obtidos por esse meio, não há uma letra que não tenha correspondido a um golpe ouvido distintamente pelo grupo de evocadores. Aquelas que atribuo ao meu Espírito familiar e que foram obtidas pela escrita, eram controladas por outros Espíritos por meio de golpes, e, para evitar erros e ilusões, tomei todas as precauções imagináveis. Muitas vezes, quando eu segurava a pluma, as frases eram, por assim dizer, pontuadas por um Espírito por meio de manifestações físicas; golpes bem distintos confirmavam o pensamento e sancionavam a redação, circunstância preciosa que falta à maioria das comunicações escritas por médiuns psicógrafos.

Sou católico, não ousei dizer fervoroso, mas seguramente sincero. Pois bem! Declaro-o: a despeito de mim mesmo, dúvidas me afligiam, e em vão buscava, nos ensinamentos que me foram dados, nos esclarecimentos que solicitava, motivos conclusivos para fazê-las cessar; somente o Espiritismo pôde me reafirmar na minha fé.

Notar-se-á, como eu mesmo o fiz, que, dentre essas comunicações, algumas emanadas de meu Espírito familiar poderiam, à primeira vista, suscitar algumas objeções; mas, lendo-as com cuidado, reflexão e sem ideias preconcebidas, apreciar-se-á, espero, a pureza da Doutrina, a paternal bondade e a sabedoria dos advertimentos, a profundidade dos

pensamentos, a austeridade da moral e, sobretudo, o sentimento religioso que as caracterizam.

Há dois meses, evocamos quase diariamente um encantador Espírito, cuja prudência, sabedoria e admiráveis conselhos frequentemente nos comoveram até as lágrimas. Chama-se Annette (Nota 4); é o de uma pessoa que um de nós conheceu em vida, e que se compraz em vir conversar conosco na intimidade familiar. As comunicações se dão, ora pela tipologia, isto é, por meio de pancadas, ora pela escrita ou psicografia. Os extratos seguintes não são os mais interessantes das numerosas comunicações, mas sua ortodoxia lhes confere, creio, grande valor.

(Nota 4) O Espírito que comunicou conosco sob este nome declarou ser o de uma jovem falecida há cerca de 20 anos em Marselha, onde fora conhecida por meu amigo Sr. De L. Este conserva uma terna e piedosa lembrança dessa jovem pessoa, modelo de virtudes, arrebatada de sua família aos 18 anos. É um Espírito familiar.

O Espírito marcou, um dia, a frase seguinte:

“Estou sempre convosco para vossa melhoria moral; às vezes, para vossos interesses materiais; jamais, por vã curiosidade.”

Pergunta. Queres responder-me sobre algumas questões religiosas?

– R. Sim.

P. Faço bem em cumprir meus deveres de católico?

– R. Certamente.

P. Devo orar a Jesus?

– R. Sim.

P. Com fervor?

– R. Sem dúvida.

P. Jesus Salvador?

– R. Sim, Jesus Salvador.

Aqui, um de nossos amigos, presente ao diálogo, observa que, muito provavelmente, o Espírito daria resposta análoga, se se tratasse de Maomé. Após breve discussão, interpelo Annette.

P. Deve-se orar a Maomé?

– Nenhuma resposta.

P. Queres dizer-me o que pensas de Maomé?

– R. Sim: impostor.

Aquele mesmo amigo de que acabo de falar entregou-se a profundos cálculos para demonstrar a possibilidade de triunfar sobre as chances aleatórias; pergunta a Annette se está no caminho da verdade.

– R. Quase.

P. Devo ir à Alemanha tentar a aplicação do meu sistema?

– R. Baixa preocupação.

P. É possível; mas, enfim, serei recompensado por meus esforços?

– R. Neste mundo, talvez; no outro, decerto não.”

Em uma de nossas reuniões, minha esposa consulta Annette sobre o livro que lhe conviria ler para se aperfeiçoar o mais prontamente possível.

– R. A Imitação de Cristo.

P. Qual capítulo mais particularmente?

– R. Livro V, cap. III.

P. Que outro livro?

– R. As Meditações de Bossuet sobre o Evangelho.

P. Qual capítulo?

– R. Da primeira à última página.”

Annette recomenda igualmente ao Sr. De L., o mais dotado dentre nós três das faculdades mediúnicas, a leitura de A Imitação de Cristo, e designa o capítulo que ele deve meditar com maior assiduidade.

Certa vez, interrogamos Annette sobre a autenticidade de um milagre de que se falou muito na França, há alguns anos; uma magnífica igreja, erguida em memória desse milagre e dedicada à Santíssima Virgem, tornou-se meta de peregrinação e atrai, todos os anos, grande concurso de fiéis. O Espírito responde:

“Foi, em seu princípio, uma comédia sacrílega; mas essa peregrinação, feita de boa-fé, é obra meritória aos olhos de Deus. As boas orações nunca se perdem.”

Annette ditou, em seguida, a oração seguinte para ser escrita no livro de missa da Sra. De G. B.:

“Deus, Pai de misericórdia, Vós que vedes a fragilidade do meu ser; Vós que sois toda indulgência, eu que sou toda fraqueza. Tende piedade de mim, meu Deus. Juro, aos vossos pés, amar o meu próximo, assistir os infelizes e escutar somente as inspirações dos vossos bons Espíritos.”

IV

Os pensamentos seguintes são extraídos de diversas comunicações dadas pelo mesmo Espírito:

“Vós não lamentareis a vida; o mundo onde eu estou é menos triste que o vosso.”

“Sede sem desconfiança; eu sou pura; eu vos amo, e me identifico com vossas almas.”

“Cuidado! Os maus Espíritos não têm a minha linguagem.”

“O divino Salvador é verdadeiramente o Filho de Deus; ele morreu na cruz por vós; adorai-o. Orai, orai a sua mãe.”

Amai-vos uns aos outros. Evitai os maus; fugi deles, mas orai por eles.”

Consolai-vos, minha cara amiga; Deus vos curará; orai a ele; tende confiança nele e no bom doutor que é o seu humilde instrumento.”

Esta última frase era dirigida a uma jovem senhora atingida por uma doença reputada incurável se não se praticasse uma operação muito longa, muito dolorosa e raramente coroada de êxito. Hoje, tudo nos faz esperar que a operação poderá ser evitada.

Deveria falar aqui das comunicações de Rémi (Nota 5). Este Espírito foi para nós ocasião de uma doce alegria. A princípio, manifestou uma profunda tristeza: o infeliz estava persuadido de que seus sofrimentos não teriam fim. Nós o consolamos o melhor que pudemos, e oramos por ele. Um dia, ele veio espontaneamente nos dizer esta única palavra: Espero. Logo, nos expressou sua gratidão por nossas orações que Deus havia atendido. Atualmente, ele é feliz, quase nunca me deixa e nos dão todos os dias as provas da mais terna afeição.

(Nota 5) Remy A., falecido há 18 anos, foi companheiro de estudos do Sr. De L.

Esta felicidade dada a uma alma sofrente pelas orações de um vivo é um dos aspectos mais comoventes do Espiritismo, bem como do Catolicismo, e se há no mundo uma alegria íntima e pura por excelência, é certamente a

certeza de ter dado a um Espírito infeliz sua primeira esperança e seu primeiro consolo.

Noutra reunião à qual tenho assistido frequentemente, um Espírito que toma o nome de Maria (Nota 6), e que é o Espírito familiar do médium, deu, tanto por pancadas, tanto pela escrita, numerosas comunicações das quais cito apenas as passagens seguintes:

"Tomai o Evangelho; espigai nesse campo celeste; o Mestre é bom: ele deixará cair de seus feixes divinos a espiga consoladora que deve nutrir vossa alma, a qual frutificará e vos dará uma ampla colheita para vos apresentardes diante de seu Pai.

(Nota 6) Maria, jovem senhora falecida há 9 anos, outrora amiga da Srta. H., médium que lhe serve de intérprete, e atualmente seu Espírito familiar.

Meus amigos, tendes agora sobre vossa terra, o que está dito nos Atos dos Apóstolos, cap. 2, versículos 17, 18 e 19:

"E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões."

Tende tanta fé quanto o Centurião de quem fala São Mateus, cap. 8, v. 1, 2, 3, 4, 5, e fareis milagres.

"Pregai com coragem; não vos desencorajeis com os obstáculos que se opõem à vossa crença; conheceis a incredulidade dos Apóstolos acerca de Jesus".

Aqueles que pedem sempre milagres são os Judeus; aqueles que opõem sua razão são os Gentios; aqueles que creem e que são os loucos são os verdadeiros sábios. São Paulo aos Coríntios; 1ª Ep.; cap. 1º; v. 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25.

Muitas pessoas não creem no que seu espírito não compreende; daí, não há sabedoria e não há temor. Eclesiastes, cap. 1º, v. 12 13; cap. 3, v. 22, 23, 24, 25.

Combatei vossos inimigos pela oração e não pela zombaria. Moisés venceu Amaleque por este meio e não pelas armas. Judite, cap. 4, v. 13."

Relato estas máximas, ainda que banais, porque foram dadas por pancadas, e que, conseqüentemente, não se podiam atribuir ao pensamento do médium; e ademais, porque estas citações das Sagradas Escrituras, com indicação dos capítulos e versículos, testemunham os conhecimentos do Espírito a este respeito, e da impossibilidade quase material, mesmo para

um médium escrevente, ter todos estes números presentes no pensamento, a menos de uma memória fenomenal, tanto mais que estas citações se multiplicaram às centenas. Sei que se objetarão os prodígios da mnemônica; mas é aqui o caso de levar em conta as circunstâncias nas quais os fatos se produziram; ora, afirmo que bastava conhecer estas circunstâncias para afastar toda a possibilidade de fraude. Demais, eis uma experiência que temos repetido muitas vezes e que desafia toda a suspeita. Um dos assistentes tinha, sem desígnio premeditado, trazido um livro recém-saído, cujas páginas não estavam ainda cortadas, e que era perfeitamente desconhecido do médium. Pede-se ao Espírito se poderia indicar, primeiro o assunto do livro, em seguida a substância do que se encontra numa página determinada; na página 206, por exemplo; e o Espírito citava textualmente o que se encontrava nessa página.

Dir-se-á que havia conluio? Mas, repito, é preciso levar em conta a qualidade das pessoas, as causas que as reúnem e as circunstâncias. Se nos mostrassem tais fatos, dirão certos incrédulos, seria preciso render-se à evidência. Isto não é certo; pois se viu nesta mesma reunião incrédulos obstinados, testemunhas dos fatos mais positivos, levar o ceticismo ao ponto de suspeitar da boa-fé dos assistentes. É verdade que estes indivíduos pertencem à categoria daqueles que não creem ter uma alma, ou pelo menos que dizem não ter certeza; ora, com tais pessoas, é pena perdida falar-lhes dos Espíritos; pois, como diz com razão o Sr. Allan Kardec:

"Os Espíritos não sendo outra coisa senão as almas daqueles que viveram corporalmente, aquele que não crê na alma, não pode crer nos Espíritos; aquele que não admite um Espírito em si, não pode admiti-lo fora de si; é em vão que acumulareis diante dele as provas mais palpáveis, ele as negará, ou as explicará segundo suas ideias; não admitindo a causa, não pode admitir as consequências. Com ele seria preciso seguir uma marcha totalmente diversa antes de torná-lo ESPÍRITA, seria preciso antes torná-lo ESPIRITUALISTA."

A experiência me demonstrou muitas vezes a verdade desta asserção; também agora nunca abordo a questão do Espiritismo sem me assegurar previamente se meu interlocutor admite a sua base, que é a existência da alma. O tempo perdido com certos céticos me parece tempo roubado aos homens de boa vontade, e àqueles que têm necessidade de consolações.

V

Eis ainda alguns pensamentos ditados pelo mesmo Espírito:

“Tende a fé de São Paulo quando ele fala ao Filipenses sobre seus laços, seu sofrimento, e sobre o combate interior entre viver e morrer.”

“Crede com o coração e não com os sentidos.”

“Aprendeis a amar a Deus e não o temê-lo, pois o amor atrai e o temor afasta.”

“Orai por nós; vossa lembrança nos é agradável. Quando vierdes vos juntar a nós, tereis um cortejo de Espíritos reconhecidos que virão a vós.”

“Orai por nós nesse momento; orai por todos. As almas que estão na beatitude verterão esse orvalho divino sobre aqueles que dele necessitam.”

“Para ser agradável aos Espíritos bem-aventurados, orai pelos que sofrem; vossa prece será ouvida pelo Onipotente.”

“Uni-vos pelo coração; a forma é pouca coisa aos olhos de Deus.”

Sobre esta frase travou-se uma discussão; um sustenta que ela é anticatólica, outro, com justa razão, afirma que o verdadeiro catolicismo coloca o fundo bem acima da forma. Consulta-se o Espírito, que dá razão a este último.

Nesta mesma sessão, o Espírito de Fenelon, consultado sobre as peregrinações, dá a seguinte resposta:

"Se tendes um pedido especial a fazer a um santo, deveis vos dirigir ao lugar consagrado a esse santo. Este esforço feito com vistas ao vosso pedido já é uma prece; ela é uma prova da fé que a ela conduzis. Quando o Centurião veio encontrar Jesus, ele já estava atendido antes mesmo de pedir; sua démarche havia tocado o Senhor. "

Que é o homem? Ele entra na vida para dela sair em breve. Que aquele que está de pé saiba que pode cair morto, sem outra preparação que uma saúde florescente. "

Vários Espíritos nos deram frequentemente versos através de pancadas. Um dia, Maria dita o seguinte:

"Esperança, Fé, Caridade

*E sobretudo grande humildade,
É isto que agrada a Deus sobre todas as coisas."*

As pancadas tendo cessado de se fazer ouvir, pede-se a Maria que continue, ela acrescenta:

"Bem o quisera, mas não ousa."

Não resisto ao desejo de colocar sob os olhos do leitor as seguintes respostas, obtidas na mesma sessão através de um médium escrevente perfeitamente mecânico:

P. Deus se encarnou?

– R. Sim; o Cristo era mais que um homem, era Deus.

P. Um ser tão grande se fez, portanto, tão pequeno?

– R. Sim, e eis aí o sublime desta humildade que vos prego.

P. Qual é, então, a necessidade de um sacrifício tão grande?

– R. Era para salvar os homens de uma penitência longa e terrível; para isso Deus se fez pequeno; se fez homem para se fazer compreender. A grandeza de Deus ofuscava e fulminava os homens sob Moisés e os profetas: a simplicidade do Cristo os atraiu, encorajou, e não esmagou a frágil humanidade. Pôde-se escutá-lo; pôde-se instruir para seguir Sua lei, que é uma lei de justiça e de amor.

Outra vez, pergunto:

Pode-se ser ao mesmo tempo bom católico e bom espírita?

– R. Certamente.

P. Conheces o trabalho que faço para demonstrar que o Espiritismo concorda com o Cristianismo?

– R. Sim.

P. Aprovas-o?

– R. Seguramente, eu o aprovo.

P. Este livrinho fará o bem?

– R. Sim.

As páginas que precedem bastam para demonstrar que, no número dos Espíritos que respondem às nossas evocações, dois pelo menos são positivamente cristãos e católicos. Apelo-me ao fiel mais inquieto, ao teólogo mais severo: quem ousará assinar as citações anteriores com o nome de Satã? Quem não recuaria ante esta odiosa profanação? Pois bem! Isto concedido, um pouco de razão, um pouco de lógica nos levará muito longe.

VI

As comunicações que se seguem emanam de um Espírito muito elevado. Idênticas aos preceitos do catolicismo no que concerne aos nossos deveres para com Deus e o próximo, deles se afastam em certos pontos que não têm nenhum interesse prático; mas estas divergências, que eu poderia ter feito desaparecer, se não fosse sincero, não escandalizarão ninguém. Que se examine a linguagem, que se esquadrinhe a Doutrina, que se pesem os conselhos, e que se diga se pode restar a sombra de uma dúvida sobre a elevação, a sabedoria, a perfeita pureza do Espírito que as ditou. Elas me foram dadas pelo meu Espírito familiar (Nota 7).

(Nota 7) A religião nos ensina que após nossa morte somos punidos ou recompensados segundo nossos méritos; ela nos fala do céu; mas, fora das alegrias infinitas dadas aos puros Espíritos por sua aproximação de Deus, ela se cala sobre sua missão.

O Espiritismo é mais explícito; ele nos ensina que a ociosidade não pode aliar-se com as virtudes celestes. Os Espíritos mais elevados gozam de uma felicidade inexprimível, mas jamais permanecem inocupados.

Cada um de nós tem um anjo da guarda; a nosso lado vela um Espírito bem-aventurado, cuja missão consiste em nos inspirar bons pensamentos; é por assim dizer uma segunda consciência, cuja voz, infelizmente, abafamos, e que o orgulho criminoso de nosso livre-arbítrio afasta de nós com demasiada frequência.

O Espírito familiar que me protege assina Zenão. Todos os Espíritos que consultei me afirmaram que era verdadeiramente Zenão, o Estóico, falecido na idade de cento e cinco anos, dois séculos antes do nascimento de Cristo. Esta afirmação pode fazer sorrir os incrédulos, mas não escrevo nada para convencê-los, dirijo-me aos meus irmãos no Espiritismo, e se insisto sobre este ponto, é que muitos deles, mesmo entre os fervorosos, sem excetuar o Sr. Allan Kardec, contestam a autenticidade de muitas assinaturas. As precauções que tomei, o controle ao qual submeti todas as comunicações que reproduzo assinadas Zenão, autorizam-me a crer que elas emanam verdadeiramente do filósofo célebre, cuja vida foi tão bela e a memória tão venerada. Aliás, se não são dele pessoalmente, são incontestavelmente de um Espírito tão elevado quanto, pois não encerram nada que desminta seu caráter.

As pessoas alheias ao Espiritismo surpreender-se-ão talvez de encontrar ideias tão católicas no filósofo pagão; a isso responderei: 1º que a maioria desses filósofos havia antecipado a era cristã na ideia da unidade de Deus e de várias verdades importantes; 2º que, como Espírito superior, ele deve ter seguido as diversas fases do Cristianismo; 3º enfim, que seria possível que desde então ele tenha tido uma existência cristã, mas sob um nome desconhecido que não teria nenhum peso aos meus olhos, enquanto que o de Zenão devia ter uma certa autoridade.

É assim, por exemplo, que parece que Sócrates reviveu no século XVII na pessoa de um sábio e respeitável abade; mas como o nome de Sócrates é mais conhecido, é sob este que ele se comunica.

"Ama, ora e faze o bem; a caridade, sempre a caridade, eis a grande lei; eis o que Jesus vos ensinou desde o estábulo de Belém até o cume do Gólgota. Portanto, querido filho, bendize o Senhor que renova hoje as maravilhas dos primeiros dias.

Como anjos que levam uma criança para os céus, os bons Espíritos sustentam a tua alma e lhe mostram o caminho que conduz aos mundos felizes. Este favor é imenso, e pensa, meu filho, que se ele decuplica as tuas forças, também duplica os teus deveres.

Perguntas por um critério? Ele está na tua consciência; examina friamente os nossos conselhos; interroga o teu coração, e vê se eu te torno melhor ou pior.

Nós, demônios?... Afasta esses ridículos fantasmas; e quando essas misérias te embaraçarem, recorda-te da palavra do Cristo: Vós dizeis que eu expulso os demônios pelo poder dos demônios, ora, qual é o reino que combate contra si mesmo? E se eu expulso os demônios como posso expulsá-los pelo poder dos demônios?

Pois bem! Eu te pergunto, o que há de mais antissatânico que a nova Doutrina? Não é ela a consagração do ensinamento de Jesus?

Fica, portanto, em paz, meu filho; afasta essas ideias infelizes. Obedece a Deus, e começa corajosamente a tua vida nova. "

Após uma comunicação assinada por Zenão, peço-lhe que ateste, em nome de Deus, a sua identidade.

Ele me responde:

"Abre a Imitação de Cristo; os teus olhos cairão sobre um versículo que te provará quem eu sou. "

Conforme essa ordem, abro e leio:

"Meu filho, é assim que deveis vos comportar; se desejais caminhar comigo, deveis estar tão disposto ao sofrimento quanto à alegria; deveis vos ver com igual vontade na pobreza e na indigência quanto na abundância e nas riquezas. "

Zenão continua:

"Quando oras numa igreja, dirige-te sobretudo a Deus, e dá sempre um pensamento aos Espíritos mais infelizes e mais esquecidos. Tu não sabes os

seus nomes, mas Deus os conhece, e a sua misericórdia sabe bem encontrá-los.

Nomeia aqueles que queres recomendar mais especialmente ao Pai Celeste, e ora para que todos os bons Espíritos se unam a ti nos teus piedosos desejos. Fica seguro, meu filho, de que esses Espíritos saberão de quem lhes vem, ou a consolação, ou o acréscimo de felicidade. Eles te amarão, e no dia da verdadeira vida, aquele que chamais de dia da morte, a profecia de Maria, aquela que te tornou tão feliz e tão crente, se cumprirá. "

Desde que me tornei mais iniciado na ciência espírita, sei que as provas de identidade são muito difíceis de adquirir; que elas são mesmo impossíveis para certos Espíritos, sobretudo para aqueles que viveram em tempos recuados; pode-se apenas constatar que a sua linguagem não desmente o seu caráter. Sei, além disso, que os Espíritos são tão numerosos, que é impossível que todos tenham pertencido a personagens conhecidos na Terra, e que, para nós, muitos não têm nomes: mas como nos são necessários nomes para fixar as nossas ideias, eles emprestam algumas vezes os dos personagens com os quais simpatizam. Pouco me importa, portanto, que o Espírito que me fala seja precisamente aquele do filósofo grego, desde que ele me fale com uma sabedoria digna dele; para mim é um Espírito superior, e isso me basta. Mas se um Espírito, tomando um nome venerado, dissesse coisas indignas desse nome, ou que traíssem a sua inferioridade, eu reconheceria a impostura, e uma única palavra equívoca bastaria para me abrir os olhos.

Se a identidade absoluta é impossível de constatar da parte dos Espíritos antigos, o mesmo não acontece com aqueles que foram nossos contemporâneos, e de quem se conhece melhor o caráter e os hábitos. Os parentes, os amigos que se evocam dão frequentemente, em detalhes íntimos, provas tão palpáveis da sua identidade que é impossível enganar-se; mas não estou a dar um curso de Espiritismo, deixo esse cuidado ao Sr. Allan Kardec.

Eu tinha acabado de ler um livro cheio de fatos interessantes, mas ornado de reflexões pouco ortodoxas. O meu Espírito familiar, consultado sobre este assunto, e a quem eu tinha ao mesmo tempo pedido alguns conselhos, responde:

"Não te preocupes com as doutrinas; examina os fatos, e bendize o Senhor que permite tais milagres para a vossa melhoria.

Não deixes vacilar a tua fé; caminharás com um passo mais seguro apoiando-te na tua religião e nas suas práticas piedosas. Nenhuma te é indiferente; precisas de uma regra, e a tua obediência aos mandamentos da Igreja é ao mesmo tempo um ato de humildade e de submissão que agrada a Deus, e do qual serás recompensado. O rigor dos preceitos convém à situação da tua alma. Criança indócil, muitas vezes falhaste; rebaixa-te, portanto, e suporta com alegria esta misteriosa prova.

Conselhos, minha criança? Tu já podes dá-los a ti mesmo. Olha dentro da tua consciência; estuda-te a ti mesmo, e aplica-te a combater tudo o que prejudica o teu avanço.

A bondade não te falta; falta-te a resolução, a coragem, a atividade no bem. Indolente, mesmo no instante em que pareces mais ocupado, encontras mil pretextos para afastar os trabalhos obrigatórios. Faz um pouco menos de Espiritismo, um pouco mais de medicina.

Tu viste, tu sabes, a tua convicção é perfeita; retoma os teus estudos especiais, e sem correr atrás da glória, volta ao trabalho, e faze o bem.

A riqueza talvez te chegue; talvez também os desenganos e as provas pungentes. Sê firme, resoluto e valente; aceita o infortúnio com a mesma serenidade que a felicidade. Se sofreres, pensa na expiação; se Deus puser a alegria na tua alma, agradece-lhe, e ora pelos cegos, pelos endurecidos e pelos Espíritos infelizes. "

Um dia interroguei Zenão sobre Annette, esse Espírito de quem falei no início, e que, cada dia, nos dá provas da sua bondade e do seu afeto. Ele escreve o que segue:

"O Espírito de quem me falas é puro, mas ainda não pertence a uma ordem muito elevada na hierarquia. Não o poderia comparar melhor que a um amigo dedicado, sério e de bom conselho. As questões científicas e de filosofia transcendente não são da sua alçada; a sua principal qualidade é uma sensibilidade esquisita e uma caridade que não tem limites. "

VII

Eis agora uma série de comunicações do mesmo Zênnon sobre diversos assuntos, tratados espontaneamente ou provocados por perguntas. Entrego-as à apreciação do leitor.

"Deveis abandonar-vos um pouco mais à Providência. Quando evocardes, sede pacientes e recolhidos. Orai a Deus e solicitai o concurso dos bons Espíritos: obtereis mais do que ousáveis esperar. Subordinai, no entanto, à vossa razão e sobretudo aos vossos sentimentos religiosos as respostas que vos forem concedidas. Guardai-vos de considerá-las sempre como revelações e desconfiai dos Espíritos mentirosos.

Quanto ao critério para distinguir os bons Espíritos, o único que vos pode inspirar uma confiança absoluta, é este: Ímpeto para o bem. "

É lamentável que adeptos mal inspirados se obstinem a pedir aos Espíritos revelações que lhes é interdito fazer aos homens.

Vossa fé é inabalável, que quereis mais? A eternidade das alegrias celestes vos está adquirida se a souberdes granjear, e para isso vosso Pai que está nos céus não vos comanda senão uma coisa: ser bons. Deixai, pois, as pesquisas, não interrogueis os Espíritos nem sobre a ciência, nem sobre o futuro, nem sobre os sistemas cosmogônicos. Se vos enganardes por essa via, sereis infalivelmente enganados.

Isto significa que é preciso negligenciar a ciência? Não, meu filho, não; mas a ciência adquire-se e não se revela.

Seria bem cômodo ter, por todo labor, a reproduzir as respostas dos Espíritos, adquirindo assim, de súbito, conhecimentos que somente o trabalho deve dar. Deus não o permite. Conversar conosco não é um esforço; contentai-vos em nos consultar sobre vossos deveres, e pedi o saber ao trabalho. "

Esta comunicação foi motivada por algumas perguntas que eu havia dirigido a propósito de certas teorias científicas e cosmogônicas dadas por Espíritos. Reconheço hoje toda a sabedoria da resposta; mas naquela

época, insisti e perguntei se tudo o que os Espíritos ditaram sobre essas matérias é falso. O Espírito responde:

"Não, tudo não é falso; mas podes estar certo de que o falso supera o verdadeiro, porque não é dado a nenhum Espírito descumprir à ordem das coisas estabelecida por Deus; ora, Deus quer que adquirais a ciência pelo trabalho. Sabe bem que os Espíritos que vos ditam essas teorias o fazem para satisfazer vossa curiosidade ou para se darem importância aos vossos olhos; falam na maioria das vezes de acordo com suas ideias pessoais; alguns podem crer no que dizem, como na Terra tendes homens que creem em seus próprios sistemas. Crê em mim; não desvies o Espiritismo de seu objetivo providencial, se queres ter a verdade."

Outra vez, meu Espírito familiar, respondendo ao pedido que eu lhe havia dirigido, concernente à sua opinião sobre uma determinação importante que eu devia tomar, escreveu o seguinte:

"Sabe, meu filho, que meus conselhos já estão depositados por mim em teu espírito; no meio de tuas perplexidades sobrenada um pensamento, teu verdadeiro polo magnético: Abandono absoluto à vontade de Deus. E, no entanto, é preciso que uma determinação seja tomada! Sem dúvida, é preciso; mas nada apressa. No momento menos previsto, a ocasião de te fixares apresentar-se-á por si mesma; então, basta de reflexão, basta de hesitação, toma um partido irrevogável e, pleno de confiança em teu destino, marcha. Afasta resolutamente as coisas demasiado fáceis; aceita, ao contrário, os obstáculos, Deus os proporcionará sempre às tuas forças. Supõe o insucesso; será a época das verdadeiras provas, e darás passos de gigante na via do aprimoramento; no caso contrário, estarás perante os perigos espirituais que nascem da felicidade; mas serás prevenido, e tuas boas ações suprirão as ações difíceis. Assim, meu filho, não tens outra perspectiva senão a felicidade. Felicidade no infortúnio, felicidade no sucesso, eis o que Deus reserva àqueles que sabem amá-lo.

"Entretanto, guarda-te de adormecer nas ideias místicas. O lado prático da vida, as condições do trabalho de todos os dias, tuas relações com a sociedade, os deveres e as necessidades de tua profissão, tudo isso constitui um terra-a-terra que tu não podes nem deves evitar.

Sem colocar um empenho irrefletido, apressa com todas as tuas forças o momento em que, retomando tua profissão, estarás verdadeiramente em

teu lugar. Mas examina e ora; eu estarei perto de ti; minhas inspirações não te faltarão.

Que mérito tem a criança de não cair, quando está segurada pela cinta? O mesmo sucederia com o homem se lhe traçassemos todos os seus passos; ele confiar-se-ia em nós, nada faria sem nos consultar, não teria mais livre-arbítrio. É preciso que faça uso de seus membros intelectuais, assim como de seus membros corpóreos, e frequentemente é útil para seu adiantamento que adquira a experiência a suas próprias expensas. Seu anjo da guarda está sempre lá, que lhe inspira o que lhe é mais vantajoso; cabe a ele escutar sua voz. "

Minha esposa, tendo um dia pedido ao Espírito de seu pai que provasse sua presença dando uma assinatura idêntica à que tinha em vida, experimentou uma mistificação. Zênnon, interrogado a esse respeito, responde:

"Meu filho, acabaste de assistir a uma experiência que tem seu ensinamento.

Evidentemente, o pai de tua esposa não respondeu ao vosso apelo; evidentemente também, a boa-fé do médium não pode ser suspeitada. Nova prova do que te repito tantas vezes: fora das lições exclusivamente morais, deves esperar mil decepções.

Um sentimento de curiosidade, muito mais que de piedade, preenchia vossos corações. Tratava-se para vós, muito menos de vos edificar por uma comunicação piedosa, do que de vos assegurar da lucidez do médium. Deixa tua esposa te dizer o contrário, tu a conheces melhor do que ela se conhece a si mesma, e convém, por tua própria conta, que se a assinatura desejada houvesse sido obtida, vossa grande alegria teria sido, sobretudo poder, no futuro, consultar o médium com perfeita confiança.

Não apreciáis suficientemente a graça que Deus vos fez. O dom da fé vos é concedido, conheceis e vossos deveres e vossos destinos, que desejais mais? Conversar com vossos parentes, vossos amigos de além-túmulo? É muito bom, e eles ficam felizes com isso; mas não sabeis que é preciso buscar as provas de sua identidade alhures que não em sinais materiais que os Espíritos enganadores podem imitar? Esperai pacientemente essas provas, e eles vo-las darão sobremaneira de seu pleno arbítrio, se não as provocardes pela curiosidade.

Evoque-os com um espírito fervoroso, eles virão; sabereis se são felizes ou se precisam de orações. Que isso vos baste.

Vamos, meu filho, sonda teu coração, invoca tua verdadeira consciência; não tenho razão?

Abençoaí, pois, o Céu por haver enviado para a felicidade de vosso pequeno círculo esta encantadora Annette, cujos conselhos são tão proveitosos.

Permaneça nesse caminho, e que esses deliciosos colóquios vos tornem melhores.

Sim, meu filho, continua e persevera; vive e morre em tua religião. É ela, eu te afirmo, que te aproximará mais de Deus.

Se tua consciência se perturbar por ocultar ao piedoso confidente de tuas faltas tuas crenças espíritas, procura, e encontrarás um sacerdote de acordo com teu coração. Mais de um em Paris recebeu de Deus as mesmas graças que tu, e terá a felicidade de ouvir, no tribunal da penitência, palavras que te reafirmarão. "

"Meu filho, a graça de que és objeto deve te penetrar de reconhecimento e amor. Sim, desprende-te cada vez mais da matéria; refreia os maus pensamentos; luta com as inclinações baixas; eleva-te cada dia, e os anos que ainda te pertencem bastarão para compensar os anos inúteis.

Tens razão em me amar; deves ser reconhecido, pois fiz muito por ti. Tiveste a felicidade de ser ternamente e religiosamente amado.

Espíritos bem mais elevados que o teu, falo mesmo de Espíritos vivendo nesta Terra, oraram por ti; bendize a Deus que, em Sua misericórdia tão plena de ternura, permitiu que orações e boas obras às quais não pensavas, tenham podido te reter na ladeira onde te faziam deslizar tuas inclinações.

Quantos rebaixamentos evitaste, e quantas orações deves aos pecadores e aos Espíritos sofredores por aquelas que se elevaram a Deus para teu melhoramento! Esta dívida é sagrada, ela te obriga pelo título mais rigoroso.

Eis-te espiritualmente rico; não economizes a esmola; dá-a, meu filho, dá-a de coração pleno, e esta caridade será ao menos tão agradável a Deus quanto a do rico que derrama sua bolsa na mão do indigente.

Sabe, pois, bem isso, pratica-o, e possuirás a verdadeira ciência, a verdadeira grandeza, aquela que te elevará, aquela que te conduzirá até Deus.”

Zenão

VIII

Embora a crença na comunicação exclusiva do demônio esteja hoje bastante desacreditada, como tudo aquilo que carece de lógica, julguei necessário dedicar alguns desenvolvimentos a esta questão, a fim de me apoiar tanto nos fatos quanto na razão. Consideremos agora outra parte de nosso assunto e deixemos, inicialmente, a palavra aos Espíritos:

"Escreve, meu filho.

Não basta afirmar a concordância do Espiritismo com o Cristianismo, deves ter a honestidade de constatar as suas diferenças.

No que concerne aos deveres, não existe nenhuma.

No que concerne ao dogma, existem duas capitais: 1º a reencarnação; 2º a não eternidade das penas; acrescenta uma terceira, a saber: Que o homem de bem, aquele que ama a Deus e ao próximo, aquele cuja vida é preenchida por atos de virtude, será recompensado segundo suas boas obras, qualquer que tenha sido a sua religião.

Nada direi aqui sobre a reencarnação; reproduz o que te comuniquei a esse respeito.

Quanto à eternidade das penas, afirmo-te que essa crença é incompatível com a bondade e a justiça de Deus.

Do ponto de vista prático, ela pôde, nos séculos passados, exercer uma influência positiva sobre uma sociedade menos adiantada que a vossa; hoje, ela não produz senão uma coisa: a Incredulidade.

Apresentada como um dogma fundamental do Cristianismo, em vez de aterrorizar as almas, ela suscita inicialmente a dúvida, e mais tarde a negação; e como tudo se encadeia nos dogmas, os homens conservam o nome de Cristãos, mas a fé cristã se esvai.

Se considerarmos atentamente a família cristã, se sondarmos os corações, descobriremos que todas as virtudes são filhas do amor e não do temor.

Bem reduzido é o número de cristãos que o temor do inferno mantém no dever.

Bem grande é o número daqueles que, para se livrarem dessa ameaça, rejeitaram a fé, e se tornaram ateus, ou simplesmente deístas, o que pouco difere.

Pensa agora na súbita revolução que se operaria nas almas, se os ministros cristãos entrassem em comunicação com os Espíritos.

À nossa voz, uma reaproximação irresistível reuniria todas as Igrejas, e a religião, com justa razão, se chamaria católica.

O que responderia o perverso, quando uma voz de além-túmulo o chamasse de volta ao dever?

Que terror gelaria o assassino, quando um outro assassino lhe dissesse, como tu mesmo ouviste: "Faz duzentos anos que estou nas trevas. Não vejo senão a minha vítima. Meu suplício é atroz e não prevejo o seu término."

Já não se trata de uma ameaça proferida pela boca de um sacerdote; é uma realidade terrível e mil vezes mais aterradora que todos os sermões sobre o inferno.

Oh! Se algo deve excitar o arrependimento, se algo deve eletrizar as almas, se algo deve conduzi-las inevitavelmente para Deus, não será esse comércio piedoso com os bons Espíritos, que podem, misericórdia do Céu! Sustentar-vos, inspirar-vos, amar-vos.

E quando esses Espíritos vos falam da religião com respeito, com amor; quando eles atestam o Cristo, quando eles extinguem as vossas paixões, quando eles vos mantêm irresistivelmente no bem; quando eles fazem correr de vossos olhos lágrimas de arrependimento e de amor, vós os maldiríeis! Vós os chamaríeis filhos do inferno!...

Não, meu filho, não; este blasfemo nunca será proferido seriamente. Os vossos mais violentos detratores virão, por sua vez, à nova verdade. Compadece-te deles hoje, não os condenes. Lembra-te da doce palavra de Jesus: Perdoai-lhes, meu Pai, eles não sabem o que fazem."

IX

As três comunicações seguintes foram obtidas após discussões um tanto acaloradas, entre um espiritualista e eu, sobre a incompatibilidade do Espiritismo com o Cristianismo e, sobretudo, com o catolicismo.

"Eu te disse, meu filho, não te abandones a essas preocupações. Discutir com os incrédulos não trará resultado algum.

Pensas que teus contraditores sentem a necessidade de se converter? De modo algum; eles desejam firmar-se na sua incredulidade. Nela permanecem por teimosia; argumenta, prova, demonstra, eles terão mil pretextos para não crer; e, coisa penosa de admitir, não lhes faltarão textos para afirmar que os Espíritos (eles dirão os Espíritos) contradizem formalmente o dogma católico.

Pois bem! Eu, teu pai, afirmo-te que deves agradecer a Deus por teres nascido no seio de uma religião que, pela grandeza de seus ensinamentos, é incontestavelmente a que mais se aproxima da verdade absoluta.

Eu te disse um dia: Queres um critério da bondade e da legitimidade de nossos ensinamentos, ei-lo: Impulso para o Bem. Lança um olhar sobre o passado, e desde a missão de Cristo, que religião fez mais homens absolutamente devotos, absolutamente caritativos, absolutamente consagrados ao bem? Que religião fez os missionários, os irmãos São João de Deus, as irmãs de São Vicente de Paulo, as Pequenas Irmãs dos Pobres? Que religião colocou nos corações mais caridade, mais amor, mais abnegação?... Se é a religião católica, e é ela, evidentemente aí mais que em qualquer outro lugar tu encontras a aplicação do critério: Impulso para o Bem. Portanto, é a mais verdadeira; portanto, mais que as outras, ela te aproximará de Deus. Será que por isso ela possui toda a verdade?

Eu te compreendo; esta questão te parece uma heresia, e tu te perguntas se a dúvida não é uma separação.

Não, meu filho, tranquiliza-te. A heresia não consiste, de modo algum, em não estar exatamente no mesmo ponto de vista que a Igreja. É assim que a eternidade das penas, a remissão absoluta dos pecados por certas orações

indulgenciadas, o empréstimo a juros, a sentença 'Fora da Igreja não há salvação', os casos de consciência, o inferno, o purgatório não são encarados da mesma maneira por todos os católicos.

É ainda assim que o que é proibido numa diocese é frequentemente permitido noutra. Pensas que os sacerdotes esclarecidos creem no fogo material e nas fomalhas do inferno, nos chifres de Satanás, na maçã que perdeu o gênero humano? Desfaze-te desse engano, eles veem as coisas mais atenuados e não se consideram, por isso, hereges.

Quem diz heresia, diz revolta. Tu não és herege se pretendes viver e morrer em tua religião, se a práticas como se tudo fosse verdade, se te inclinas com respeito diante de sua autoridade, e se guardas no fundo do teu coração as dissidências secundárias que tua razão aí colocou.

Exigir que creias de maneira absoluta, completa e sem reticências, numa coisa que revolta tua razão, é exigir que o braço de uma criança sustente um fardo que esmagaria o braço de um Hércules. O impossível não pode ser, e não se pode exigir de tua razão o que lhe é impossível dar. Entretanto, o que tua razão também te ensina, é sua própria fraqueza. Quantas verdades às quais tu não podes atingir!

Poder-se-ia, portanto, supor que certas coisas perfeitamente antipáticas à tua razão fossem verdadeiras. Isso deve afastar de teu coração os pensamentos orgulhosos; isso deve inspirar-te a humildade.

Pois bem! Meu filho, humilha-te.

Antes que Deus te fizesse a graça de comunicar com os Espíritos, eras um católico bastante medíocre, mas atestavas tua fé. O que fazias, quando a dúvida penetrava em tua alma? Tu a afastavas, ou te consolavas firmando-te no bem. Faze o mesmo hoje; tem a sabedoria de discernir no ensino religioso o dogma fundamental da prescrição secundária. Sempre o critério: Impulso para o Bem. Tudo o que o inspira, eis o verdadeiro prático; tudo o que te deixa indiferente, eis o detalhe, eis o que não tem mais que uma importância medíocre.

E nota bem que o princípio de autoridade, uma das bases fundamentais do catolicismo, perde atualmente sua importância. Os milagres (Nota 8) reveladores renovam-se todos os dias; os conselhos que te são igualmente dirigidos têm, eles também, seu caráter de autoridade e de grandeza.

(Nota 8) Se se entende por milagre um fato em contradição formal com as leis da natureza, não se pode dar este nome às manifestações espíritas; mas esta questão se reduz a uma

disputa de palavras. No estado atual, seja da ciência, seja da filosofia moral e religiosa, pode-se chamar milagre todo fenômeno insólito, evidentemente produzido por uma inteligência, a qual evidentemente também não pertence a um ser humano. Que estes fenômenos sejam raros ou frequentes, isso nada muda na questão, e se se recusa dar-lhes o nome de milagre, risquemos esta palavra de nossa linguagem, pois se as coisas chamadas até hoje sobrenaturais entram na categoria dos fenômenos físicos, a imaginação nada pode conceber que não tenhamos o direito de atribuir a forças naturais.

Antes de comunicar conosco, era teu dever estrito inclinar-te em tudo e por tudo diante da autoridade da Igreja, sob pena de ver surgir tantas seitas religiosas quantos indivíduos existem. Atualmente, não é apenas tua razão que fala, são Espíritos purificados, são Espíritos aproximados de Deus.

Opera-se neste momento uma evolução misteriosa, que necessariamente e num futuro próximo influirá sobre os ensinamentos da Igreja; nossas vozes serão ouvidas; e uma vez que Deus permite estes redutíveis fenômenos, será preciso que os resultados por Ele previstos se cumpram.

Que loucura supor que estas maravilhas são produzidas unicamente para alguns privilegiados, dos quais a maioria não pôde ir ainda além de uma simples curiosidade, ou de uma observação nesciamente filosófica!

O Espiritismo começa apenas, e dentro de alguns anos terá metamorfoseado o mundo. Até lá, meu filho, permanece na via para a qual te enviei resolutamente. Sê sempre católico; tua candura agrada a Deus, enquanto Ele reprova a arrogância e o orgulho do ímpio.

O futuro, eu to predigo, não mudará vossos dogmas; apenas alguns serão modificados. Jesus Salvador, Jesus, Filho de Deus, será sempre vosso Rei. Nada será mudado nem em vossas cerimônias nem no texto de vossas orações; celebrar-se-á sempre no santo Sacrifício a memória eterna da Paixão; amar a Deus e ao próximo será mais que nunca a lei, e os homens compreenderão então as adoráveis verdades que desconhecem hoje.

Pergunta. Mas, ainda uma vez, sou herege?

R. Não, meu filho, não, tu não és herege. Sonda teu coração: Amas a Igreja? Respeitas a Igreja? Obedeces aos seus preceitos? Executas os seus mandamentos? És dócil e submisso? O que não podes admitir, excita em teu coração sentimento de revolta ou de desprezo? Estás perfeitamente de acordo com ela sobre todas as verdades que te firmam no bem, que aumentam em tua alma o amor de Deus e a dedicação a teus irmãos? Sim. Pois bem! Tu és católico."

"Examina tua consciência; diz-te ela que há para ti a menor obrigação de expor a teu amigo o encadeamento lógico de tuas crenças? Se ele fosse católico, se tu fosses para ele um objeto de escândalo, poderia ser útil edificá-lo. Mas diante da sua teimosia, não tens nada melhor a fazer senão sorrir e guardar silêncio.

Ele afirma que combate pela verdade; possui, portanto, o critério da verdade? O fato é que ele não combate por alguma coisa, mas contra alguma coisa. O velho ódio antirreligioso fermenta no fundo de seu coração, e da sua pretensa lógica, o que ressalta com mais evidência, é o horror invencível ao padre e ao catolicismo, podes acrescentar a toda religião.

Oprimido pela formidável verdade espírita, ele quer permanecer 'espírito forte'. Tu o ouviste, suas novas crenças não o melhoraram, e esta imobilidade em sua existência moral lhe parece sem dúvida o que há de mais encantador e mais natural.

Este filósofo, este lógico, este homem de progresso, deveria crer, no entanto, que é obrigado a progredir, e se professa uma doutrina qualquer, deve sem dúvida ter escolhido aquela que o leva mais longe na via do aperfeiçoamento. De modo algum, ele se mantém no que é, e o impulso para o bem pouco lhe importa. Portanto sua doutrina, ou sua lógica, chame-lhe como quiseses, não tem nada de prático; portanto ela não é verdadeira, pois somente o verdadeiro é prático. Evidentemente sua filosofia não é igual às suas destinações.

Ele admite que o Espiritismo nada fez por sua alma; é que ele é simplesmente um espiritualista falhado. É que ele não conhece do Espiritismo senão os fenômenos curiosos, e Deus ainda não o achou maduro para compreender e apreciar a Doutrina.

Em resumo, evita com ele as discussões religiosas, elas não levariam a nada. A solidez de tua fé está a salvo de todos os assaltos, mas não te esforces em operar conversões impossíveis.

Deixa o ímpio voluntário embaraçar-se nos meandros da sua pretensa lógica, e permanece simples e resolutamente na tua via.

Luta de ações e não de vãs palavras; prova por uma caridade sempre crescente, por uma doce paciência, por uma fidelidade constante aos teus

deveres, que a tua doutrina é uma árvore que dá bons frutos, e abençoarás o Céu por te haver aberto tesouros de alegria e de consolações."

Zenão

Permita-me uma pergunta. Acabais de dizer que Deus ainda não o achou maduro para compreender e apreciar a Doutrina. No entanto, é um homem inteligente; como Deus o deixa voluntariamente no erro? Não dependeria d'Ele esclarecê-lo?

Deus não deixa ninguém voluntariamente no erro e nas trevas da ignorância. É precisamente porque um homem é inteligente que é menos desculpável não se render à evidência; a incerteza na qual ele flutua, apesar de todos os meios que têm para se esclarecer, é uma punição, e uma vez que ele não tira dos fenômenos que observa nenhum proveito para sua alma, que isso não o torna melhor, ele não merece gozar das sublimes consolações que o Espiritismo dá. Aquele que não compreende estas consolações, que não vê nada além dos fatos materiais, qualquer que seja sua inteligência, não está maduro para apreciar a Doutrina. Não é, portanto, Deus que o priva da luz, é ele mesmo que se priva das doces alegrias que ela proporciona."

Outra vez, tendo voltado ao assunto das discussões relatadas acima, obtive a resposta seguinte: "Ainda esta preocupação! Uma vez por todas, faze compreender ao teu amigo que é perfeitamente inútil gastar tantas palavras sem a sombra de um resultado. Quando tiveres afirmado durante uma hora que és católico; quando durante uma hora ele o houver negado, nem um nem outro tereis dado um passo. É evidente que se não podeis colocar-vos no mesmo ponto de vista, não podeis entender-vos.

No fim de contas, onde quereis chegar? Espera ele tornar-te melhor? Tem ele em reserva algum ensino novo para te aproximar de Deus? Admitindo que a religião é a ciência de nossos deveres para com Deus e para com o próximo, tem ele algum preceito esquecido pelo catolicismo para te indicar? E este preceito far-te-á amar mais a Deus e teus semelhantes? Pensas que não? Eu te afirmo que não.

Uma graça imensa te foi concedida. Desde o primeiro dia, o Espiritismo tomou para ti o caráter de uma revelação. Teu coração comoveu-se, e o sentimento religioso quase extinto em teu espírito reanimou-se de repente. Nunca cumpriste teus deveres de cristão com mais assiduidade, nem oraste

com mais fé. Que te é preciso mais? Ficarás desesperado porque teu amigo, o filósofo, dirá que não és lógico? Sabe, meu filho, que não se trata de lógica, mas de sentimento. Por acaso o amor é lógico? As grandes e nobres paixões são lógicas? Mas, em verdade, que te importa a lógica dos outros! Tua razão vale bem a deles. Ora, que te diz esta razão? Que não há no mundo dois homens absolutamente de acordo sobre alguma coisa; os católicos não mais que os outros. Portanto, se eles diferem em algum ponto, fosse o mais ínfimo, deveriam formar uma grande sociedade de excomunhão mútua?

Abarca num golpe de vista tua religião, e compara-a aos ensinamentos dos Espíritos; sobre o que versam as divergências? É sobre a imortalidade da alma? Não.

Sobre o poder e sobre a bondade infinita de Deus? Não.

Sobre vossos deveres para com o próximo? Não.

Sobre a missão do Cristo Salvador? Não.

Sobre a obrigação estrita de orar pelos mortos? Não.

Sobre a eficácia das orações? Não.

Sobre as penas e as recompensas futuras? Não.

Sobre a existência dos bons e dos maus anjos? Não.

Sobre a necessidade da penitência? Não.

Sobre a veneração dos santos? Não.

Pois bem! Fora destas verdades maiores, o que resta? Simples detalhes. Continua, portanto, tranquilamente teu caminho: é o bom, afirmo-te. Não é apenas uma religião que é necessária, é um culto, isso é necessário à natureza do homem. É-lhe preciso reuniões piedosas, onde sua alma se impregne dos eflúvios celestes que espalham ao seu redor os bons Espíritos pairando a seu lado. É-lhe preciso orações em comum, cantos piedosos que o comovam e o exaltem até o êxtase. É assim que ele preludia sua verdadeira vida. Pois bem! O culto católico é sem contestação o mais belo, o mais comovedor de todos. Os preceitos de tua Igreja são os mais sábios; mais eficazmente que os outros, eles te ensinam a dominar tuas paixões, a desprender-te da matéria. Obedece, portanto, sê cristão, e, sem desagradar aos zombadores, sê cristão católico, é tua missão; ela é bastante bela para que a ames, e a cumpras fielmente."

X

Em apoio ao que me foi ditado pessoalmente sobre a eternidade das penas, creio dever citar o que está dito sobre o mesmo assunto em O Livro dos Espíritos (*).

(*) *Os números são os dos parágrafos de O Livro dos Espíritos.*

1003. É arbitrária ou sujeita a uma lei qualquer a duração dos sofrimentos do culpado, na vida futura?

“Deus nunca obra caprichosamente e tudo, no Universo, se rege por leis, em que a sua sabedoria e a sua bondade se revelam.”

1004. Em que se baseia a duração dos sofrimentos do culpado?

“No tempo necessário a que se melhore. Sendo o estado de sofrimento ou de felicidade proporcionado ao grau de purificação do Espírito, a duração e a natureza de seus sofrimentos dependem do tempo que ele gaste em melhorar-se. À medida que progride e que os sentimentos se lhe depuram, seus sofrimentos diminuem e mudam de natureza.”

SÃO LUÍS

1005. Ao Espírito sofredor, o tempo se afigura tão ou menos longo do que quando estava vivo?

“Parece-lhe mais longo: para ele não existe o sono. Só para os Espíritos que já chegaram a certo grau de purificação, o tempo, por assim dizer, se apaga diante do infinito.”

1006. Poderão durar eternamente os sofrimentos do Espírito?

“Poderiam, se ele pudesse ser eternamente mau, isto é, se jamais se arrependesse e melhorasse, sofreria eternamente. Mas, Deus não criou seres tendo por destino permanecer votados perpetuamente ao mal. Apenas os criou a todos simples e ignorantes, tendo todos, no entanto, que progredir em tempo mais ou menos longo, conforme decorrer da vontade de cada um. Mais ou menos tardia pode ser a vontade, do mesmo modo que há crianças mais ou menos precoces, porém, cedo ou tarde, ela aparece, por efeito da irresistível necessidade que o Espírito sente de sair da

inferioridade e de se tornar feliz. Eminentemente sábia e magnânima é, pois, a lei que rege a duração das penas, porquanto subordina essa duração aos esforços do Espírito. Jamais o priva do seu livre-arbítrio: se deste faz ele mau uso, sofre as conseqüências.”

SÃO LUÍS

1007. Haverá Espíritos que nunca se arrependem?

“Há os de arrependimento muito tardio; porém, pretender-se que nunca se melhorarão fora negar a lei do progresso e dizer que a criança não pode tornar-se homem.”

SÃO LUÍS

1008. Depende sempre da vontade do Espírito a duração das penas? Algumas não haverá que lhe sejam impostas por tempo determinado?

“Sim, ao Espírito podem ser impostas penas por determinado tempo; mas, Deus, que só quer o bem de suas criaturas, acolhe sempre o arrependimento e infrutífero jamais fica o desejo que o Espírito manifeste de se melhorar.”

SÃO LUÍS

1009. Assim, as penas impostas jamais o são por toda a eternidade?

“Interrogai o vosso bom-senso, a vossa razão e perguntai-lhes se uma condenação perpétua, motivada por alguns momentos de erro, não seria a negação da bondade de Deus. Que é, com efeito, a duração da vida, ainda quando de cem anos, em face da eternidade? Eternidade! Compreendeis bem esta palavra? Sofrimentos, torturas sem-fim, sem esperanças, por causa de algumas faltas! O vosso juízo não repele semelhante idéia? Que os antigos tenham considerado o Senhor do Universo um Deus terrível, cioso e vingativo, concebe-se. Na ignorância em que se achavam, atribuíam à divindade as paixões dos homens. Esse, todavia, não é o Deus dos cristãos, que classifica como virtudes primordiais o amor, a caridade, a misericórdia, o esquecimento das ofensas. Poderia ele carecer das qualidades, cuja posse prescreve, como um dever, às suas criaturas? Não haverá contradição em se lhe atribuir a bondade infinita e a vingança também infinita? Dizeis que, acima de tudo, ele é justo e que o homem não lhe compreende a justiça. Mas, a justiça não exclui a bondade e ele não seria bom, se condenasse a eternas e horríveis penas a maioria das suas criaturas. Teria o direito de

fazer da justiça uma obrigação para seus filhos, se lhes não desse meio de compreendê-la? Aliás, no fazer que a duração das penas dependa dos esforços do culpado não está toda a sublimidade da justiça unida à bondade? Aí é que se encontra a verdade desta sentença: 'A cada um segundo as suas obras.'"

SANTO AGOSTINHO

A este respeito, dirigi ao meu guia as seguintes questões:

– Um Espírito que nunca se arrependesse seria, portanto, eternamente infeliz?

R. Isso vai sem dizer. É como entre vós; o vadio que não se emenda não está sempre sob o golpe da justiça? O preguiçoso que não estuda não é sempre ignorante? Suponde um homem condenado à prisão perpétua, mas ao qual se diz: Se fizeres tal coisa, serás libertado. Pois bem! Se não fizer essa coisa, permanecerá na prisão toda a vida.

– Assim, a eternidade das penas não é uma invenção, uma ficção; ela poderia se tornar uma realidade para o homem que nunca se arrependesse, que nunca fizesse nada para se tornar melhor?

R. Sem nenhuma dúvida; mas admirai sobretudo aqui a bondade e a justiça de Deus, que faz sempre depender a duração das penas da persistência da falta, ou da reparação; aquele que nada repara, não pode pretender à indulgência. Aquele que sofresse uma pena eterna, é porque seria eternamente culpado; mas desde que uma centelha de arrependimento aparece nele, Deus lhe abre o caminho da reabilitação; cabe a ele aproveitá-lo. Dai ao dogma da eternidade das penas uma interpretação racional, e todo mundo o aceitará; persistindo em dar-lhe um sentido que a razão repele, gerais a incredulidade (nota 9).

(Nota 9) O dogma da eternidade das penas é controverso; mesmo teólogos o entendem hoje no sentido relativo e não no sentido absoluto, dizendo que o fogo (emblema do castigo) é eterno, porque durará tanto quanto houver mal a punir, o que não implica, para cada um, uma condenação perpétua e sem remissão possível.

Uma autoridade que nenhum católico ousaria contestar veio hoje sancionar esta doutrina, e esta autoridade é a do próprio Papa. Com efeito, Pio IX, em sua alocução ao consistório secreto de 28 de setembro de 1860, proferiu estas palavras não equívocas: "Mas sabeis muito bem, veneráveis irmãos, que toda nossa esperança deve ser posta em Deus, nosso auxílio e nosso refúgio em nossas tribulações; em Deus, que fere e cura as feridas, que fere e sara, dá a morte e dá a vida, leva aos infernos E DELES RETIRA."

Segundo a interpretação vulgar do dogma da eternidade das penas, as portas do inferno fecham-se sem retorno sobre o culpado; não há para ele nem esperança de salvação, nem alívio possível a seus sofrimentos. Reza-se pelas almas do purgatório, mas para os infelizes danados, a oração é inútil; para eles, nenhuma consolação: Deus é inflexível. Tal é o dogma em sua acepção rigorosa; mas tal não é, seguramente, a opinião do Papa, pois ele diz: Deus leva aos infernos E DELES RETIRA. É claro que se Deus retira dos infernos, é que a condenação não é irremediável; donde se segue que a eternidade das penas não é absoluta; ela existiria apenas para o culpado que estivesse eternamente sem arrependimento, o que seria de toda justiça; pois, se ele sofre muito tempo, se sofre sempre, não pode culpar senão a si mesmo. Não penso que venha à mente de qualquer católico taxar o Papa de heresia, porque ele crê que se pode sair do inferno. É da sua parte uma opinião pessoal? Não; pois, ao dirigir-se ao sagrado colégio, ele diz: Sabeis MUITO BEM, veneráveis irmãos, etc.; portanto, uma vez que o sagrado colégio sabe muito bem isso, é que partilha desta opinião. Esta palavra, a meu ver, encerra a questão. Se alguém, para sustentar a doutrina da eternidade absoluta das penas, pretendesse que se interpretou mal o sentido dessas palavras, seria preciso compadecê-lo por querer, a todo custo, tirar de Deus o seu mais belo atributo: a bondade.

Aliás, se a eternidade dos sofrimentos não está na realidade, está na crença do culpado, e é ainda para ele um castigo. As evocações espíritas nos mostram os Espíritos perversos na incerteza sobre o termo de seus sofrimentos; eles creem que sofrerão sempre e esta crença é a consequência mesma de seu estado moral. Este termo não poderia ser fixado, pois está subordinado ao arrependimento do culpado; portanto, enquanto o arrependimento não entra em seu coração, o termo da punição permanece no vago; este termo não existindo realmente, ele não pode vê-lo. A Igreja nos ensina que Deus perdoa ao pecador arrependido; mas, se o arrependimento não chega, o perdão não pode obter-se, e far-se-ia eternamente esperar, se o arrependimento estivesse eternamente por vir. Deus é inflexível apenas para os pecadores endurecidos. Desde que uma centelha de arrependimento penetra neles, eles entreveem, não ainda o termo, mas a possibilidade de um termo para seus sofrimentos; é então sobretudo que a oração e os conselhos são eficazes para sustentá-los na nova luta que vão empreender, pois, à medida que se depuram pela expiação, Deus, na sua bondade infinita, faz brilhar aos seus olhos a esperança primeiro, depois a certeza da reabilitação.

O que há de mais belo, de mais grandioso, de mais conforme à soberana justiça do que esta doutrina! Todo mundo a compreende, e quando for ostensivamente ensinada, todo mundo a admitirá, porque ela não fere nenhum sentimento natural, e o racionalismo mais rigoroso não saberia nela encontrar nada a objetar. Que se interrogue a esse respeito a consciência de cada um, e ver-se-á de que lado está a maioria.

XI

Em outra ocasião, meu guia, retornando à dificuldade de fazer aceitar certos dogmas tais como são interpretados, ditou-me a seguinte comunicação:

“Toma, um a um, os dogmas da religião, e os mais incompreensíveis encontrarão uma interpretação satisfatória em nossos ensinamentos.

Falar-te-ei hoje de Jesus que desceu aos infernos.

Antes de seres iniciados na Doutrina, pensavas alguma vez nesse admirável mistério? Ah! Nunca.

Que esforços de imaginação por parte dos teólogos! Que explicações infelizes, e frequentemente desprovidas de sentido, davam eles aos fiéis que reclamavam pela luz! E, no entanto, que explicação perfeitamente natural se apresenta hoje à tua alma!

Os Espíritos fluíam, na sua maioria, nas regiões inferiores, e languidesciam no sofrimento; ninguém orava por eles; nenhuma voz partindo da Terra se elevava aos céus para encorajá-los e solicitar a divina misericórdia. Apenas a expiação se cumpria. Pena proporcionada à falta, tal era a lei implacável sancionando a justiça de Deus.

Jesus, o Salvador, cumpriu sua missão; Messias dos mortos assim como dos vivos, ele desce às regiões inferiores, visita as almas que a ausência de todo socorro deixava numa dolorosa erraticidade. A redenção lhes é revelada, e tudo o que, de longe ou de perto, toca à vossa infeliz Terra, experimenta subitamente a influência da cruz.

Na ignorância dos primeiros tempos, os Espíritos erravam sem outro alívio senão o seu próprio arrependimento. A caridade cristã não existia. Jesus nasce, vive e morre, dando às gerações o exemplo da dedicação infinita. O Homem-Deus, o mais puro e o mais inocente dos seres, assume para si a expiação material, e, ao mesmo tempo, opera a grande revolução cristã, tanto na Terra quanto no mundo dos Espíritos errantes. Messias de todas as almas encarnadas ou errantes, ele estabelece relações que existirão doravante entre os homens e os Espíritos. Como ele é o vosso

exemplo eterno, a vós também, pobres exilados, ele ensina a descida aos infernos, isto é, a baixar um olhar de compaixão para os Espíritos sofredores e a lhes estender uma mão socorredora; a vós, ele ensina a sublime caridade espiritual: a consolação dos Espíritos no sofrimento. Lei encantadora, desconhecida de vossos pais judeus ou pagãos; caridade exercida pela miséria tanto quanto pela opulência; esmola tão fácil de ser distribuída; dom do coração tão doce e tão consolador; numa palavra: orações pelos mortos, tudo isso está virtualmente contido no mistério da descida aos infernos. E tudo isso se encontra em harmonia com a lei de expiação: Arrependimento e penitência; mas penitência com essa solidariedade tão comovente que faz a comunhão dos fiéis. A lei do amor só é verdadeiramente promulgada após a descida de Jesus aos limbos; é o coroamento de sua missão.

Eis, meu filho, eis a tradução fiel do descendit ad inferos. (*)

() Expressão latina desceu aos infernos - Doutrina na Teologia Cristã referenciada no Credo dos Apóstolos e no Credo de Atanásio. Que afirma a crença de que Jesus Cristo, após a sua morte e sepultamento na Sexta-feira Santa, desceu ao reino dos mortos.*

Compreendes agora tudo o que o Espiritismo encerra de sublime? Compreendes quanto são pueris, diante desses grandes ensinamentos, as preocupações daqueles que nele não veem ainda senão um atrativo para sua curiosidade? Que se consomem em vãs experiências para se assegurarem, de quê? Que são realmente Espíritos que se comunicam; ou então, se creem nos Espíritos, para ver o que sabem fazer e se são mais hábeis que os vossos prestidigitadores. Crê-me, meu filho, não te deixes arrastar por esse caminho, que te retardaria em vez de te fazer avançar. De tudo o que vês, aplica-te sempre a tirar as consequências morais, pois aí está o verdadeiro objetivo do Espiritismo; se ele não te tornar melhor, será para ti inútil, ainda que fosses testemunha dos fatos mais prodigiosos.

Sim, digo-te, o Espiritismo é a luz que vai dissipar as trevas; é a nova via de salvação que Deus, na sua bondade, concede aos homens que, a cada dia, se desviam seguindo a senda do orgulho, do egoísmo e da cupidez. Nesses fenômenos que surgem de todas as partes, como para vos afirmar que tudo não termina com a vida; nessa Doutrina que se propaga apesar dos Fariseus do vosso tempo, não reconheces a mão de Deus? Já não é a voz de um só que vos fala, é a de todos os vossos irmãos que vos clamam de todos os pontos do Universo para vos advertir do precipício que está sob os

vossos passos. Deus assim o quis; quem poderia ir contra a sua vontade? Que importa a Deus a negação ou a má vontade de alguns homens! Quando tiverem completado a medida da incredulidade, com um sopro os dispersará, como o vento de outono dispersa as folhas desde o cimo da árvore até à sua base.”

Zenão

XII

A fé cega pode, sem dúvida, ter seu mérito, mas creio que se a fizeram uma virtude, foi pela impossibilidade em que se está de fazer melhor; e a prova disso são os esforços inauditos que certos pregadores fazem com o objetivo de elucidar o que, por sua própria admissão, é incompreensível, acumulando comparações e hipóteses, para chegar a essa conclusão banal: É um mistério no qual se deve crer sem compreendê-lo. Mas que poder eles não teriam sobre as convicções, se pudessem se apoiar numa demonstração simples, racional, inteligível, em vez de se perderem num misticismo que deixa sempre na alma do ouvinte uma vagueza, uma incerteza que pode gerar a dúvida, e da dúvida conduzir à incredulidade! Por que, então, a Igreja rejeitaria um meio de levantar essa dúvida quando o tem à mão? Ela ganharia em influência, pois a fé inteligente será sempre mais viva, mais inabalável que a fé cega; isto está na natureza humana. Eu sou um exemplo. Certamente, antes de conhecer o Espiritismo, eu era católico, mas, crendo sem compreender, confesso que a dúvida frequentemente passava sobre o meu pensamento, e que talvez não fossem necessários grandes esforços para me fazer vacilar; hoje, que graças ao Espiritismo posso compreender, sinto-me protegido contra os argumentos do ceticismo. Se for o demônio que me ensina essas coisas, é preciso convir que ele age de modo singular para fazer recrutas.

Eis a ditada que meu Espírito familiar me fez sobre a Eucaristia e a Trindade.

"O mistério da Eucaristia, o mais inefável de todos, apresenta-se aos Cristãos com um caráter tão obscuro, tão inexplicável, que, para permanecerem fiéis, devem refugiar-se por inteiro em sua fé. Desde que sua razão tenta balbuciar algo, obscuridades impenetráveis estendem-se sobre suas almas, e se eles persistem, tornam-se quase inevitavelmente incrédulos. Pois bem! O Espiritismo, com seu archote, dissipam essas trevas.

Nós te afirmamos que Deus, o Espírito infinitamente puro, infinitamente poderoso, está em toda parte.

Nós te ensinamos igualmente que os Espíritos elevados gozam de um privilégio surpreendente, o de estar à mesma hora em vários lugares diferentes. Vários estão encarregados de um grande número de almas que eles, por assim dizer, nunca abandonam. Para nos tornarmos inteligíveis, empregamos uma expressão que traduz imperfeitamente essa verdade, mas que vos ajuda a compreendê-la. Chamamos irradiação essa maravilhosa propriedade de ubiquidade, apanágio exclusivo dos Espíritos puros.

A irradiação de Deus é infinita; a dos Espíritos é limitada. Ora, o que é o sacramento da Eucaristia? A encarnação do Cristo na hóstia. Para vós, espíritas, que conheceis a insignificância do corpo humano, é tão natural admitir a penetração de um Espírito num fragmento de matéria quanto num amontoado de carne e ossos. Pois bem! Sendo admitido que, por sua qualidade de Espírito puro, o Cristo irradia por toda parte, concebe-se como ele responde cada dia às inúmeras evocações de seus ministros; como ele penetra, encarna-se por assim dizer na hóstia, que se torna seu verdadeiro corpo, para perpetuar o adorável mistério da Redenção. Envolvido no pão e nos vinhos eucarísticos, como nossa alma em nossos órgãos, ele aí está real e positivamente incorporado.

Se refletirdes piedosamente, se meditardes sobre a irradiação e a encarnação dos Espíritos, vossa razão e vossa fé, em vez de se combaterem, dar-se-ão um apoio mútuo. (Nota 10)

(Nota 10) De muito alto vamos descer muito baixo, pois dos santos mistérios somos reconduzidos às mesas girantes; é que no Espiritismo tudo se encadeia. O fenômeno vulgar das mesas girantes repousa sobre um princípio, e este princípio encerra a lei de todas as manifestações espíritas, como a queda de uma maçã encerra toda a lei da gravitação. Como, com efeito, os Espíritos nos dizem que a mesa se move? É que a empurram ou a levantam com suas mãos e à força de braços? Não; o Espírito envia para a mesa uma porção da substância de seu próprio perispírito, que, combinada com o fluido animalizado ou perispírito do médium, dá à mesa uma espécie de vida factícia; a mesa está, portanto, momentaneamente animada, e como ela obedece, não a um impulso físico, mas à vontade do Espírito; o Espírito lhe deu, portanto, uma porção de si mesmo, poder-se-ia quase dizer que se encarnou nela. O que se passa de uma maneira relativamente grosseira da parte de um Espírito inferior para produzir um fenômeno acessível aos sentidos, não pode realizar-se de uma maneira menos material da parte de um Espírito infinitamente puro, e ajudar-nos a compreender a presença do Cristo sob as espécies do pão e do vinho?

É ainda a irradiação que vos explicará o mistério da santa Trindade.

Um só Deus em três pessoas; o Filho que procede do Pai; o Espírito Santo que procede do Pai e do Filho; cada uma das pessoas sendo Deus, e cada uma sendo distinta das duas outras, mas não constituindo juntas senão um só Deus, o que é isso, senão a irradiação infinita da Divindade?

Tudo o que emana da Divindade não pode ser senão infinito. Uma emanção divina irradia em qualidade de Deus Filho: Espírito infinitamente puro, infinitamente poderoso como o Pai, e destinado a encarnar-se a fim de salvar os homens e permanecer eternamente seu soberano juiz; outra emanção igualmente pura, igualmente poderosa, destinada a iluminar as almas, irradia em qualidade de Espírito Santo; os três não fazendo senão um, mas distintos, e possuindo cada um as qualidades do infinito; tal é a santa Trindade, ou pelo menos tal é a fraca ideia que nossa razão tão débil pode fazer dessa verdade que deslumbra mesmo os arcanjos.

Convém, no entanto, apesar da obscuridade com que este mistério permanece envolto, que o Espiritismo lhe lança uma claridade desconhecida dos teólogos e dos filósofos. Pois bem! Um dia virá em que essa claridade iluminará todas as almas; um dia virá, eu to atesto, em que a Igreja estará no Espiritismo, ou então o Espiritismo estará na Igreja. A fé nova terá tantas luzes, que os mais cegos, como os mais endurecidos, abrirão seus olhos e seus corações. Enquanto isso, ó meu filho! Bendize e agradece ao Senhor por te haver feito espírita, como O bendizes e agradeces por te haver feito cristão.”

Zenão

XIII

Com a autorização de meu muito honorável amigo, o Sr. Allan Kardec, presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, extraio de uma de suas obras, atualmente no prelo, as páginas seguintes, que me parecem de uma lógica irresistível.

"A doutrina da reencarnação parece, num primeiro olhar, contrária a certas crenças religiosas, mas um exame atento logo mostra que essa contradição é mais aparente que real, e provém mais da interpretação que do fundo. Sem entrar aqui nos desenvolvimentos que essa questão comportaria, nós a resumiremos em algumas palavras. Primeiramente, de duas coisas uma: ou a encarnação existe, ou não existe. Se ela não existe, seria preciso prová-lo, não por uma negação, mas pela demonstração patente de sua impossibilidade; se ela existe, é que está na natureza das coisas, e nada fará que assim não o seja. Ora, a nossos olhos, ela está provada pelo raciocínio e por fatos positivos que a tornam evidente. Quanto à questão de dogma, basta lembrar que certas teorias, tais como o movimento da Terra e os períodos de sua formação, foram tratados outrora de heresias e anatematizadas como contrárias aos textos bíblicos; mais tarde foi preciso render-se à evidência e reconhecer, não que os escritores sagrados se tivessem enganado, mas que se estava equivocado na interpretação. O mesmo ocorrerá com a reencarnação quando sua evidência não puder ser mais contestada, e quando se houver compreendido, sobretudo, que ela é infinitamente mais conforme à justiça de Deus do que a doutrina da unicidade de existência. De resto, estaríamos em erro se encarássemos essa crença como de origem exclusivamente pagã; não somente encontramos seu princípio em mais de um autor cristão, como ela também é nitidamente formulada no Evangelho, nas próprias palavras de Jesus.

Com efeito, lê-se no Evangelho de São João, capítulo III, esta passagem característica:

1. Havia um homem entre os fariseus chamado Nicodemos, um dos principais judeus.

2. Esse homem veio, de noite, encontrar Jesus e lhe disse: Mestre, nós sabemos que tu és um doutor vindo da parte de Deus, pois ninguém poderia fazer esses milagres que tu fazes, se Deus não estivesse com ele.

3. Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade, eu te digo, que se um homem não nascer de novo, ele não pode ver o reino de Deus.

4. Nicodemos lhe diz: Como um homem pode nascer quando ele está velho? Pode reentrar no ventre de sua mãe, e nascer uma segunda vez?

5. Jesus respondeu: Em verdade, em verdade, eu te digo que se um homem não nascer de água e de espírito, não pode entrar no reino de Deus.

6. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do espírito é espírito.

7. Não te espantes, pois, do que eu te disse: É preciso que nasçais de novo.

8. O vento sopra onde ele quer, e tu ouves o seu ruído; mas tu não sabes de onde ele vem nem para onde vai. O mesmo se dá com todo homem que é nascido do espírito.

9. Nicodemos lhe disse: Como podem se dar essas coisas?

10. Jesus lhe respondeu: Tu és doutor em Israel, e não sabes essas coisas?

11. Em verdade, em verdade, eu te digo dizemos o que sabemos, e que nós rendemos testemunho do que temos visto; mas vós não acreditais nosso testemunho.

12. Se vos falei das coisas terrestres, e não o credes, como acreditareis quando eu falar das coisas celestes?

Diz-se ainda no Evangelho de São Mateus, cap. XVII:

10. E seus discípulos o interrogaram dizendo: Porque então os escribas dizem que é preciso que Elias venha primeiro?

11. Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias devia vir primeiro, e restabelecer todas as coisas.

12. Mas eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o conheceram, e o fizeram sofrer como bem entenderam. É assim que farão sofrer o Filho do Homem.

13. Então seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele falara.

Uma vez que João Batista era Elias, há então reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

(Para mais desenvolvimentos, ver Livro dos Espíritos: Pluralidade das existências, nº 166 e seguinte, e nº 222).

A comunicação seguinte me foi ditada sobre o mesmo assunto por meu Espírito familiar.

“Na doutrina da reencarnação há uma economia moral que não escapará à tua inteligência.

É evidente que uma vida não basta para a realização dos desígnios de Deus, quando um Espírito encarna de conformidade com as suas leis.

Somente a corporeidade é compatível com os atos de virtude, e sendo esses atos necessários à melhoria do Espírito, este raramente vai encontrar em uma única existência corporal todas as circunstâncias necessárias à sua elevação acima da humanidade.

Admitindo-se que a justiça de Deus não pode aliar-se com penas eternas, e devendo a expiação ser proporcional às faltas, a razão deve concluir que é necessário:

1º Um período de tempo durante o qual a alma examina seu passado e toma suas resoluções para o futuro;

2º Uma existência nova em harmonia com o adiantamento atual dessa alma.

Não falo dos suplícios, por vezes terríveis, infligidos a certos Espíritos após sua morte.

Eles correspondem, de um lado, à enormidade da falta, de outro, à justiça de Deus.

Voltando às reencarnações, compreenderás sua necessidade por uma comparação vulgar, mas de uma verdade impressionante.

Após um ano de estudo, o que acontece ao jovem estudante? Se progrediu, se foi laborioso, se aproveitou o tempo, passa para uma classe superior; se permaneceu imóvel na sua ignorância, repete o ano. Supondo faltas graves, é expulso ignominiosamente. Pode andar de colégio em colégio, ser declarado indigno de pertencer à Universidade, e passar da casa de educação para a casa de correção.

Tal é a imagem fiel do destino dos Espíritos.

Toda existência mal preenchida exige uma nova existência, e nada satisfaz mais completamente a razão; se se quiser aprofundar mais a Doutrina, ver-se-á quão mais perfeita e conforme às grandes verdades que dominam nossa inteligência parece a justiça de Deus, diante dessas ideias.

No conjunto, como nos detalhes, há algo de tão claro e de tão impressionante, que, à primeira vista, o espírito fica como que iluminado.

E os murmúrios de reprovação contra a Providência, e as maldições contra a dor, e o escândalo do vício feliz diante da virtude que sofre, e a morte prematura da criança, e, numa mesma família, as qualidades mais encantadoras dando, por assim dizer, a mão a uma perversidade precoce, e o idiotismo, e as enfermidades que datam do berço, e as diversidades infinitas das condições humanas, seja nos indivíduos, seja nos povos: problemas irresolutos até hoje, enigmas que fizeram duvidar não só da bondade, mas quase da existência de Deus; tudo isso se esclarece de uma só vez; um puro raio de luz estende-se sobre o horizonte da nova filosofia, e nesse quadro imenso agrupam-se harmoniosamente todas as condições da existência humana. As dificuldades aplanam-se, os problemas resolvem-se, e mistérios impenetráveis até hoje resumem-se e explicam-se nesta única palavra: Reencarnação.

Leio em teu coração, caro cristão: Eis aqui, desta vez, uma verdadeira heresia?...

Não mais, ó meu filho, do que a negação da eternidade das penas; nenhum dogma prático está em oposição formal com esta Doutrina.

O que é a vida humana? O tempo durante o qual o Espírito permanece unido a um corpo. O Cristianismo, no dia marcado por Deus, ensinará que a vida do homem é múltipla. Isso nada acrescenta nem muda em vossos deveres. A moral cristã permanece de pé; os preceitos são os mesmos, a lembrança da missão de Jesus paira sempre sobre a humanidade.

A religião nada tem a temer deste ensino; e o dia não está longe em que seus ministros, abrindo os olhos à luz, reconhecerão na Doutrina nova os socorros que, do fundo de suas basílicas, pedem ao céu. Eles creem que a sociedade vai perecer: ela vai ser salva."

Zenão.

XIV

Os católicos podem observar que a doutrina da reencarnação explica de modo muito racional certos dogmas que permaneceram até hoje no estado de mistério. Tal é, por exemplo, o do pecado original. Que esforços de imaginação, que sofismas laboriosos para conciliá-lo com a bondade e a justiça de Deus! Como! A humanidade inteira condenada e amaldiçoada pela falta de um só homem! Certamente, esse dogma é embaraçoso para a teologia; não o é para o Espiritismo.

No momento designado pelos decretos de Deus, Espíritos foram encarnados nesta terra e foram submetidos a uma lei. Se tivessem obedecido, este mundo teria sido a morada da felicidade, pois os homens só podem ser felizes praticando a lei de Deus; eles desobedeceram; eles desconhecaram essa lei; em vez de servir a Deus, só serviram às suas paixões; eles se mergulharam na vida material e sofreram as consequências da violação da lei. A terra tornou-se assim a morada de Espíritos inferiores, submetidos, conseqüentemente, a duras provas que são, ao mesmo tempo, expiações pelo passado e um meio de progresso para o futuro. Donde se pode concluir que ninguém tem o direito de acusar a justiça de Deus. Condenados a sofrer, nós expiamos faltas cometidas por nós em existências anteriores, e não a falta cometida por Adão. Somos assim responsáveis por nossas próprias ações e não pelas dos outros, segundo um princípio de eterna justiça, a única que ninguém pode desconhecer. Nós trazemos ao nascer o germe de nossos próprios vícios, daqueles aos quais nos entregamos em outra existência; eis aí o pecado original. Dessa maneira, compreende-se, ele é lógico, racional. Quando a Igreja o ensinar dessa forma, calará a boca daqueles que o criticam.

E a Imaculada Conceição? Esse dogma que foi objeto de tantas zombarias e que dividiu o clero; para explicá-lo, é preciso recorrer a tantos raciocínios que chegam a esta conclusão: É um mistério que se deve crer, mas que não se pode compreender? De modo algum; havia apenas uma coisa a dizer: Deus quis que o Cristo, a pureza mesma, nascesse de um ser puro; Ele

escolheu Maria, que não trazia para esta vida as impurezas de uma outra existência; isto é, ela não estava maculada pelo pecado original, não porque Deus a tivesse feito, por exceção, irresponsável pela falta de Adão, mas porque sua vida precedente havia sido santificada pela virtude. Explicado assim, este dogma teria sido compreendido por todos, e ninguém teria ousado torná-lo ridículo.

A essas ideias liga-se evidentemente o dogma do batismo, essa purificação da alma no limiar da vida. Eis a esse respeito uma comunicação encantadora obtida em nossa presença pelo Sr. D. filho, um dos médiuns da Sociedade Espírita:

“Há uma ficção mitológica que os Antigos consideravam uma ideia moral, e que, pouco a pouco, se materializou. É essa ficção chamada fonte da juventude, água viva por Jesus de Nazaré, e que os poetas chamam ainda de fonte da Juventude. O Cristianismo, que conservou a ideia pura, a denomina batismo ou redenção.

Ó prova evidente da reencarnação! Como! Pobre criança, mal entrado na vida, tua consciência já é culpada?

No entanto, quando estás na solidão, quando tua razão começa a distinguir o bem do mal, não tens medo; és inocente, pois a solidão inspira a prece. Donde vem, então, que essa consciência que mal começou a falar já é culpada? Ó mistério! Abismo onde o pensamento se perdia! O Espiritismo vo-lo explica.

Com efeito, vós o sabeis, a alma é velha em um corpo jovem; ela já pecou: eis aí o pecado original que a perdeu; e na terra, o batismo é o emblema dessa purificação espiritual que rejuvenesce a alma.

Em todos os tempos, vós o vedes, o homem justo e superior buscou essa purificação que leva à virtude. Platão, Sócrates vo-la mostraram; o Cristo mesmo vo-la mostrou por sua conduta e as suaves palavras que dirigia à Samaritana, sob essa figura tão poética da água viva. Essas palavras são, para vós, vossa salvação para todos.

O batismo é o emblema da purificação da alma reencarnada. Sede sempre justos, e morrereis purificados como no dia de vosso batismo.”

Ronsard.

A doutrina da reencarnação explica então, e posso dizer que somente ela pode explicar, os males e os sofrimentos da Humanidade, de conformidade

com a justiça de Deus. Nós trazemos, pessoalmente, a pena do mal que pessoalmente houveramos cometido, conforme estas palavras do Cristo: A cada um segundo suas obras. É nesse mesmo sentido que devemos entender estas outras palavras: Quem matou pela espada, pela espada perecerá; isso quer dizer que numa existência nós sofremos o mal que tivermos feito sofrerem os outros: o senhor duro e desumano poderá nascer escravo; o mau rico na miséria; o orgulhoso numa condição humilhante. É assim que a reencarnação se liga perfeitamente às principais verdades da religião de que é o corolário, ou melhor ainda, o primeiro tronco. É remontando à reencarnação que encontramos a verdadeira significação de certos dogmas, e não são precisos grandes esforços para tornar essa ideia concorde com os textos sagrados e fazer desaparecer a aparente injustiça da universal condenação. Nós a encontramos explicitamente expressa nas palavras mesmas do Cristo; acrescentemos que ela se encontra implicitamente no dogma que a Igreja ensina todos os dias, na fórmula mesma do símbolo da fé. Eis o que se encontra a esse respeito no Livro dos Espíritos:

- O dogma da ressurreição da carne é a consagração do da reencarnação ensinada pelos Espíritos?

"Como quereis que seja de outra maneira? Dá-se com essas palavras como com tantas outras, que não parecem desarrazoadas aos olhos de certas pessoas senão porque são tomadas ao pé da letra, e por isso elas conduzem à incredulidade. Dai-lhes, porém, uma interpretação lógica, e aqueles a quem chamais livre pensadores admiti-las-ão sem dificuldade, precisamente porque eles refletem; não vos enganeis, esses livres pensadores nada mais pedem do que crer. Eles têm, como os outros, e talvez mais que outros, sede de futuro, mas não podem admitir o que é desmentido pela ciência. A doutrina da pluralidade das existências é conforme à justiça de Deus; somente ela pode explicar o que sem ela é inexplicável; como querer que seu princípio não esteja na própria religião?"

- Assim a Igreja, pelo dogma da ressurreição da carne, ensina ela própria a doutrina da reencarnação?

"Isso é evidente. Ademais, essa doutrina é a consequência de muitas coisas que passaram despercebidas, e que não se tardará a compreender nesse sentido; em breve se reconhecerá que o Espiritismo ressalta a cada

passo do próprio texto das Escrituras. Os Espíritos não vêm, pois, derrubar a religião, como alguns o pretendem; ao contrário, vêm confirmá-la, sancioná-la por provas irrecusáveis; todavia, como é chegado o tempo de não mais se empregar a linguagem figurada, eles se exprimem sem alegoria, e dão às coisas um sentido claro e preciso, para não dar ocasião a nenhuma falsa interpretação. Eis porque, dentro de algum tempo, tereis mais gente sinceramente religiosa e crente do que tendes hoje.”

São Luiz

“A ciência, com efeito, demonstra a impossibilidade da ressurreição segundo a ideia vulgar. Se os despojos do corpo humano permanecessem homogêneos, ainda que dispersos e reduzidos a pó, conceber-se-ia ainda a sua reunião num tempo dado; mas as coisas não se passam assim. O corpo é formado de elementos diversos: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono, etc.; pela decomposição, esses elementos se dispersam, mas para servir à formação de novos corpos; de tal sorte que a mesma molécula, de carbono por exemplo, terá entrado na composição de vários milhares de corpos diferentes (falamos apenas dos corpos humanos, sem contar todos os dos animais); que tal indivíduo tem talvez em seu corpo moléculas que pertenceram aos primeiros tempos do mundo; que essas mesmas moléculas orgânicas que absorveis em vossa alimentação, provêm talvez do corpo de tal outro indivíduo que conhecestes, e assim por diante. Sendo a matéria em quantidade definida, e suas transformações em quantidades indefinidas, como poderia cada um desses corpos reconstituir-se dos mesmos elementos? Há aí uma impossibilidade material. Não se pode, pois, racionalmente admitir a ressurreição da carne senão como uma figura simbolizando o fenômeno da reencarnação, e então nada que choque a razão, nada que seja uma contradição com os dados da ciência.

É verdade que, segundo o dogma, essa ressurreição só deve ter lugar no fim dos tempos, enquanto que, segundo a Doutrina Espírita, ela tem lugar todos os dias; mas não há ainda, nesse quadro do juízo final, uma grande e bela figura que esconde, sob o véu da alegoria, uma dessas verdades imutáveis que não mais encontrará cétricos, quando for reconduzida à sua verdadeira significação? Que se queira meditar a teoria espírita sobre o futuro das almas, e sobre a seu sorte após as diferentes provas que devem suportar, e ver-se-á que, com exceção da simultaneidade, o juízo que as

condena ou que as absolve não é de modo algum uma ficção, assim como pensam os incrédulos. Notemos ainda que ela é a consequência natural da pluralidade dos mundos, hoje perfeitamente admitida, enquanto que, segundo a doutrina do juízo final, a terra é tida como o único mundo habitado.”

XV

Às comunicações que precedem, eu poderia acrescentar muitas outras; não vejo, porém, utilidade nisso. Se os dissidentes não estão convencidos, se ousam sustentar que tudo isso não passa da linguagem do demônio, ou se, simplesmente, me opõem uma brutal negativa, volumes inteiros não supririam a insuficiência destas páginas. A mim, elas me parecem perfeitamente categóricas, e se não obtiverem a adesão de todos os meus irmãos católicos, que elas não lhes sejam, espero, nem causa de perturbação, nem motivo de escândalo.

Não foi sem hesitação que me decidi a publicá-las; resisti por longo tempo às solicitações insistentes de meus amigos, e provavelmente ainda resistiria se meu Espírito Familiar não me houvesse dado os conselhos que se seguirão.

“Estes conselhos são uma ordem; obedece, meu filho, atesta tua fé. Nenhum dispêndio de eloquência, nenhum recurso de imaginação; dize, simplesmente, o que sabes, e pensa no julgamento dos homens muito menos do que na glória de Deus. É inútil expor fatos extraordinários; os fenômenos espíritas apreciáveis pelos sentidos, nestes últimos anos, contam-se aos milhares. Tentar convencer, narrando com a mais inteira boa-fé as maravilhas das quais foste testemunha, nada acrescentará à convicção daqueles que sabem, nada às boas ou más disposições daqueles que ignoram.

Na obstinação dos sábios, em sua recusa teimosa em examinar, em seu indizível desdém pelos mais formidáveis fenômenos que Deus entregou às meditações dos homens, há certamente um mistério que nada pode explicar; nada, exceto o castigo de seu orgulho; nada, exceto o fato de que ainda não merecem participar das graças reservadas aos humildes de coração, ou às almas predispostas a receber a semente celeste.

Não penses nesses homens, e não escrevas nada para eles. Se pudesses apresentar-lhes um inseto, um musgo, um fragmento de mineral, escapados ao microscópio do sábio, seriam ouvidos, talvez até admirados;

mas não podes oferecer-lhes senão uma coisa: a prova tangível, evidente, palpável da imortalidade da alma. É muito pouco, serias desdenhado e escarnecido.

Ademais, se as manifestações espíritas fossem mais raras; se, nestes últimos anos, apenas alguns fatos se tivessem cumprido, haveria talvez um motivo sério para realizar um inquérito, recolher provas e compor, sobre isso, uma bela memória acadêmica; porém, milhões de homens viram, Deus prodigalizou as maravilhas, e somente em Paris, centenas de reuniões são, quotidianamente, seu teatro. Sua realidade, sua evidência, sua autenticidade são tais, que é seguramente mais insensato negá-las do que negar a existência da antiga Babilônia ou da antiga Roma. Não tentes, portanto, convencê-los; esquece os incrédulos, escreve para os homens de boa vontade.

Perante os fatos que deslumbram vossos olhos, não se trata de constatar sua existência, mas de apreciar seu caráter. Trata-se de saber se Deus permitiu estas coisas para enganar os homens ou para esclarecê-los.

A questão é, portanto, exclusivamente religiosa, e, admitidos os fenômenos, o primeiro pensamento de um cristão deve ser este: São eles obras da Divindade ou obra do demônio?... Escreve, meu filho, e deixa a teus irmãos cristãos a felicidade de concluir.”

Zenão

XVI

Concluirei com algumas reflexões cujo alcance os homens sérios saberão apreciar.

Afirmei e repito que é inútil pretender provar a existência dos Espíritos. Esta verdade, que até os últimos tempos se apoiava na religião e na filosofia, assumiu doravante o caráter de um fato material e acessível aos sentidos. Os incrédulos honestos tornar-se-ão crentes no dia em que lhes aprouver ser convencidos. Os progressos do Espiritismo são tais, e o número sempre crescente das manifestações assume proporções tão inesperadas, que se pode vislumbrar num futuro próximo a realização das predições tão consoladoras contidas em várias das comunicações anteriores.

Uma única coisa pode colocar-lhe verdadeiros obstáculos: a imprudência e a leviandade dos experimentadores. Há espíritas amadores mais perigosos, mais comprometedores sobretudo, do que os mais obstinados incrédulos. Sem fervor, sem recolhimento, eles evocam, não para se instruir, não para se melhorar, mas para satisfazer uma curiosidade quando menos pueril, quando não é culpável; libertinos, ímpios, homens depravados são admitidos no círculo evocador; as comunicações se produzem, e blasfêmias, palavras grosseiras, obscenidades repugnantes respondem às evocações, provocando, ai de mim! Menos frequentemente a indignação do que gargalhadas. É de surpreender que as pessoas honestas se retirem, e que os piedosos vão por toda parte atestando que o Espiritismo é obra do demônio?

É da mais alta importância que as pessoas desejosas de evocar sejam prevenidas deste perigo. A experiência provou que os maus Espíritos podem infiltrar-se por toda parte; mas a presença dos bons lhes impõe respeito, e estes estarão sempre em maioria nas reuniões em que dominam o respeito, a piedade e a plena confiança em Deus. O recolhimento e o fervor são as duas condições essenciais das boas evocações.

Reconheçamos, no entanto, que, apesar de tudo, Espíritos mal-intencionados podem tentar enganar-nos. As substituições não são raras, mas, se devemos acreditar nos bons Espíritos, Deus o permite, seja como prova, seja para exercitar nosso discernimento. Para evitar ser enganado, duas coisas são necessárias: uma, estudar previamente a ciência, a fim de estar premunido contra a intrusão dos maus Espíritos; por ela aprende-se a conhecer suas artimanhas e os meios de desbaratá-las; a outra, não se afastar do objetivo providencial do Espiritismo. Este objetivo é o melhoramento do homem, e não a descoberta de coisas ocultas; quem quer que nele veja um meio de servir a seus interesses materiais deve esperar por mistificações.

Seja como for, das experiências boas ou más, do conjunto dos fatos conhecidos, resulta uma verdade definitiva adquirida: é que a mesma diversidade que observamos entre os homens existe, e maior ainda, entre os Espíritos; portanto, há bons Espíritos, assim como há maus. Visto que os Espíritos são as almas dos homens, seria tão ilógico crer que todos são perfeitos, porque são Espíritos, quanto crer que todos são maus, porque se encontrou alguns mentirosos.

Os demonólogos, ou antes os demonofobias, não querem ouvir falar senão de Satã. Parece-me difícil ser de sua opinião, se se leu com alguma atenção as primeiras páginas deste modesto livro; mas católicos fervorosos, consciências timoratas podem, confesso, conservar algumas inquietações. Creio, no entanto, haver demonstrado, apoiando-me em comunicações espíritas, que a nova doutrina se alia maravilhosamente às ideias cristãs e ao dogma católico. Todavia, fiz uma ressalva; devi sinceramente reconhecer que, em três pontos de alguma importância, o Espiritismo parece afastar-se da doutrina da Igreja. Com efeito, esta diz:

Fora da Igreja não há salvação.

O Espiritismo: Católicos ou não, sereis julgados segundo as vossas obras.

A Igreja diz: O inferno é eterno.

O Espiritismo: A expiação é proporcional à falta.

A Igreja diz: A vida é uma, e a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo.

O Espiritismo: A vida é múltipla, e a alma é anterior à formação do corpo.

Estes diversos pontos, que se pode dizer os mais essenciais, constituirão uma divergência tal que seja impossível conciliá-los? Não, sem dúvida, pois

a distância que os separa é menor do que parece. Já disse, e repito, que é perfeitamente ortodoxo admitir o fogo como emblema de um grande sofrimento moral, e não como um fogo material. Quanto à eternidade das penas, ela é interpretada mesmo por alguns teólogos de uma maneira menos absoluta e mais aceitável; segundo eles, a eternidade das penas deve entender-se no sentido de que, Deus criando sem cessar, haverá sem cessar almas que se afastarão do caminho do bem e incorrerão em castigos; os castigos durarão, portanto, sempre, o que não quer dizer que serão eternos para cada indivíduo.

Se o Espiritismo negasse as penas e as recompensas futuras, é nisso que seria antirreligioso e imoral; mas, longe de negá-las, ele vem prová-las pelo testemunho mesmo daqueles que sofrem ou são felizes; faz mais, a meu ver, apresenta-as de uma maneira racional, o que é um grande ponto para combater a incredulidade. Um cético obstinado, do ponto de vista religioso, disse-me um dia numa discussão:

“Vocês se queixam de encontrar tantos incrédulos, mas deem-lhes coisas críveis e eles crerão.” Pois bem! Esse mesmo cético, que não acreditava em nada, é hoje um bom e excelente cristão, graças ao Espiritismo, que lhe provou o que lhe parecia inadmissível e lhe fez compreender o que nunca havia compreendido. Estes exemplos multiplicam-se todos os dias.

O princípio que, à primeira vista, pareceria o mais antidogmático, o da reencarnação, será aceito pela força das coisas. Abstração feita das provas materiais que se pode ter dele, de sua confirmação pelas próprias palavras de Cristo, não se tardará a reconhecer que ele se alia a todos os dogmas; e mais, é que certos dogmas encontram neste princípio uma sanção e argumentos peremptórios.

Acrescentemos que o ensino espírita se apoia em revelações que se renovam e se confirmam todos os dias. A Igreja terá de se preocupar com isso, e, assim como em outras épocas seus ensinamentos tiveram de ceder diante das comprovações da ciência, ela deverá forçosamente e invencivelmente assimilar fatos cuja realidade não poderá mais ser recusada, sob pena de ficar sozinha para trás.

Apelo aos homens de boa-fé: as modificações impostas pelo Espiritismo são mais difíceis de obter do que as impostas pela ciência? Custará mais ao catolicismo entrar em acordo com os fenômenos e as revelações espíritas, do que lhe custou renunciar à sua cosmogonia? Enfim, o belo edifício cuja

primeira pedra foi posta por Cristo há dezoito séculos será, pela nova doutrina, abalado ou reafirmado? Para nós, a resposta não pode ser duvidosa.

Quando as luzes do Espiritismo iluminarem toda a humanidade, quando vozes celestes autorizadas por Deus vos disserem:

Crede no poder, na bondade, na misericórdia infinitos;

Crede na imortalidade da alma;

Crede no pecado original;

Crede na missão de Jesus Redentor;

Crede no Evangelho, na penitência, nas provas;

Crede na expiação, nas penas e nas recompensas;

Crede no anjo da guarda, nos bons e nos maus Espíritos;

Crede na virtude dos santos;

Crede nas orações pelos vivos e pelos mortos;

Longe de ser ameaçada, a religião apoiar-se-á em uma força inesperada; seus dogmas, enriquecidos pela nova revelação, exercerão uma influência irresistível; e, assim como do século XV e XVI data o renascimento das artes, do século XIX datará o renascimento do sentimento religioso.

XVII

Creio ter demonstrado que seria preciso conhecer muito pouco o Espiritismo para considerá-lo uma prática ímpia, uma vez que, ao contrário, ele serve aos interesses da religião, e que já, pela força da evidência, reconduziu ao redil um bom número de ovelhas desgarradas: é um fato adquirido pela experiência. Onde haveria impiedade, seria em fazer dele uma brincadeira e em utilizá-lo para coisas fúteis e interesses mundanos. Não se deve esquecer que os Espíritos foram o que nós somos; que entre eles estão nossos parentes e nossos amigos, e que amanhã, talvez, estaremos entre eles, se aprouver a Deus retirar-nos deste mundo. Aqueles que são inferiores e infelizes têm direito à nossa comiseração e à nossa assistência; aqueles que são bons e elevados, às considerações e ao respeito que lhes teríamos se ainda estivessem neste mundo. Assim, nunca é sem um sentimento penoso que os homens sérios veem brincar com as comunicações de além-túmulo, pois aí está a verdadeira profanação. Respeitam-se as cinzas de um morto, não se deve, com maior razão, respeitar seu Espírito ou sua alma?

Todos os homens sinceramente religiosos veem no Espiritismo o meio mais poderoso para deter a torrente da incredulidade que invade todas as classes e mina surdamente a sociedade por sua base, e a própria Igreja, estou convencido, encontrará nele, um dia, seu mais firme sustentáculo; é também a opinião de muitos eclesiásticos ilustrados; Deus queira que não se lhe possa aplicar o famoso: É tarde demais. Seria tarde demais, se ela se deixasse ultrapassar na interpretação racional dos dogmas; pois então um cisma me parece inevitável, mesmo no seio da Igreja, e a nova seita recrutar-se-ia de todos os indiferentes de hoje, cujo número é considerável, e de todos os católicos que seguissem o estandarte do progresso.

Se assim é, dir-se-á, o Espiritismo é, portanto um inimigo que é preciso combater, que é preciso aniquilar a todo custo. É, de fato, o que pensam certos amigos mais zelosos do que prudentes. Sim, o Espiritismo é o inimigo de todas as ideias retrógradas, de todas aquelas que não são do

nosso século; sob este aspecto, é um adversário com o qual se compreenderá, em breve, que é preciso contar. Os inimigos do progresso têm, portanto, só eles, interesse em combatê-lo; mas aniquilá-lo não me parece coisa fácil, pois seria preciso aniquilar o poder que os Espíritos têm de se manifestar. Poder-se-á, bem, pelo temor, desviar algumas pessoas de se ocuparem com ele, despertando seus escrúpulos; mas pode-se estar bem certo de que elas serão em número muito pequeno, e que quanto mais se fizer para deter o seu curso, mais se excitará a curiosidade e o desejo de conhecê-lo. A importância do ataque dá uma ideia da importância do adversário, e cada um diz a si mesmo que não se luta assim contra moinhos de vento, portanto há algo, e cada um quer ver o que é.

Aqueles que o atacam em nome da religião são os mais incapazes, pois empurram, sem suspeitar, para o cisma de que falei. Se é uma quimera, é uma quimera sedutora; não a propagueis, portanto, dando-lhe vós mesmos publicidade por uma polêmica na qual não estais certos de ter a última palavra; deixai fazer o tempo, e a razão lhe fará breve justiça. Se é uma realidade, não está no poder de ninguém fazer com que não o seja, e cedo ou tarde essa verdade virá à luz, pois a verdade pode ser entravada, mas sufocada, nunca.

O Espiritismo é, aliás, por sua natureza, insuscetível de ser apreendido, uma vez que não repousa sobre a cabeça de um só homem. Ele surge em todos os pontos do globo e nas fileiras mesmas de seus inimigos mais encarniçados; é um fato que ninguém poderia contestar.

Se o comprimem em uma região, ele florescerá na região vizinha; nos países mesmos onde se tentasse sufocá-lo pelas medidas mais rigorosas, pode-se interditar seu exercício público, mas está acima do poder mais despótico impedir que cada família encontre médiuns entre seus membros, e que se ocupe dele na intimidade; todos os rigores da inquisição não chegariam a tanto. Sucede com o Espiritismo como com os princípios modernos de ordem social, contra os quais o absolutismo veio a se chocar. Ele está no ar; cada dia seus partidários aumentam, e aqueles que o combatem o fazem, ou por um interesse mal compreendido, ou por ignorância.

Digo por ignorância, pois muitos, não se dando ao trabalho de aprofundar seu alcance filosófico, o julgam pelo lado ridículo que a inexperiência de algumas pessoas pode apresentar, ou pela exageração de certos

excêntricos, como se encontram para todas as ideias filosóficas, religiosas ou econômicas. O Espiritismo verdadeiro, como diz o Sr. Allan Kardec (*), não é mais responsável pelo abuso que se pode fazer dele, ou pelo desvio de certas imaginações exaltadas, do que a verdadeira religião é responsável pelos excessos do fanatismo.

() Allan Kardec: Pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, codificador da Doutrina Espírita. Suas obras, como O Livro dos Espíritos e O Evangelho segundo o Espiritismo, formam a base da Doutrina.*

Resumo dizendo que, do meu ponto de vista, como do de muitos homens mais versados do que eu em matérias religiosas, o Espiritismo, conciliando-se com os dogmas fundamentais que ele sanciona, dando-lhes uma interpretação aceitável por todos, a religião não pode senão ganhar em influência, se souberem aproveitá-lo a tempo. Se, ao contrário, a Igreja quisesse se separar do Espiritismo, seria brevemente ultrapassada pelas novas ideias que ganham cada dia um terreno enorme, e que nada poderia deter.



Autores Espíritos Clássicos